

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

HELANE SANTOS SOUZA

O DIÁRIO COMO EXPRESSÃO LÍRICA EM CYRO DOS ANJOS

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

HELANE SANTOS SOUZA

O DIÁRIO COMO EXPRESSÃO LÍRICA EM CYRO DOS ANJOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal de Sergipe.
Orientador: Prof. Dr. Afonso Henrique Fávero

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Souza, Helane Santos

S729d O diário como expressão lírica em Cyro dos Anjos /
Helane Santos Souza ; orientador Afonso Henrique Fávero.
– São Cristóvão, 2016.

80 f.

Dissertação (mestrado em Letras)– Universidade
Federal de Sergipe, 2016.

1. Literatura brasileira. 2. Diários. 3. Ficção brasileira. I.
Anjos, Cyro dos 1906-1994 II. Fávero, Afonso Henrique. III.
Título.

CDU 821.134.3(81)-94

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Afonso Henrique Fávero
Presidente

Profa. Dra. Katia Aily Franco de Camargo
Examinadora externa

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá
Examinador interno

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha força e auxílio em todas as etapas da minha vida.

Aos meus queridos pais, José Hélio de Souza e Maria das Graças Santos Souza, por reconhecerem, mesmo em meio às dificuldades, a importância dos estudos e sempre me incentivarem a trilhar nesse caminho, como também compartilhar comigo o sonho desse processo.

Aos meus irmãos, Daniele e Hélio Adriano, pela torcida, incentivo e por vivenciarem comigo toda a expectativa do processo.

Ao meu querido noivo Anderson, pelo apoio e paciência desde a etapa da seleção para o mestrado e por sempre me incentivar a seguir sem medo.

Ao meu querido orientador Afonso Henrique Fávero, por se fazer presente nos momentos mais precisos, assim como pelos ensinamentos, dedicação, paciência e por sempre deixar expresso que eu tinha nele um refúgio nos momentos mais complicados.

Aos professores do mestrado, em especial a Fernando Sá, por ser uma inspiração para continuar nos momentos em que pensei em desistir, pelos ensinamentos que contribuíram para minha formação e por ser um exemplo de professor a ser seguido.

À família Araújo: a Natália, por ser uma amiga incentivadora desde o ensino médio; a Michely, por ser uma amiga especial e acreditar em mim; a Thatiana, por ser minha primeira inspiração a trilhar nesse árduo caminho acadêmico; e a Rosângela, pela torcida e receptividade de sempre.

A Thati, por caminharmos juntas nas etapas estudantis, ensino médio, vestibular e graduação, com todas as dificuldades, mas andando sempre de mãos dadas, e pelo apoio e auxílio nessa fase.

A Carlinha, querida amiga que trillhou o caminho acadêmico comigo, assim como me auxiliou em alguns momentos dessa etapa.

A Adriano, por ser um incentivo em pessoa, pelo apoio e impulso e por sempre me lembrar de que eu sou capaz.

A minha querida amiga Zi, por sempre ser um apoio na caminhada acadêmica, sempre me incentivar e ficar feliz por essa conquista.

A Laurinha, por ser um alento nas aulas da graduação e sempre torcer pelo meu sucesso.

A Rita, por ser essa pessoa querida que sempre torce muito por mim.

A Lucas, pelo o incentivo desde quando comentei que iria fazer a seleção e por acreditar em mim, mesmo quando eu não acreditava.

À turma do mestrado, por serem pessoas especiais e divertidas e por me receberem tão bem; em especial à Eline, pelos auxílios, torcida e pela amizade que construímos durante o mestrado; Gisela, pelos auxílios e por transmitir sua segurança; e Monique, por compartilhar comigo as aflições, estando sempre presente de alguma maneira.

A todos os meus parentes, por estarem sempre na torcida pelo meu sucesso.

Enfim, a todos que acreditaram e torceram por mim nessa árdua caminhada.

*As muralhas que nos cercam estão, na verdade, dentro de nós e
mistificamos a nós mesmos, quando as colocamos em coisas exteriores.*

Cyro dos Anjos em *Abdias*

RESUMO

Esta dissertação tem como proposta fazer uma análise do modo como o gênero diário é utilizado nos romances de Cyro dos Anjos: *O amanuense Belmiro*, *Abdias* e *Montanha*. Tendo tal prioridade, buscaremos compreender como esse gênero, por ser fragmentado e libertário, possibilita um ambiente propício para a exposição da personalidade dos narradores. Nesta perspectiva, analisaremos os romances à luz do conceito de diário, ressaltando as peculiaridades desse gênero e analisando o modo como essa estrutura contribui para as obras em pesquisa. Para tanto, utilizaremos a teoria de Philippe Lejeune (2008) a respeito do formato diarístico, assim como procuraremos subsídio na fortuna crítica das obras. Sobretudo, nos basearemos nas leituras dos romances, com o auxílio de teorias que possuam alguma ligação com a temática proposta. Por fim, buscaremos mostrar que o diário é a base lírica dos três romances, assim como um ponto de encontro entre eles.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos. Diário. Lirismo. *O amanuense Belmiro*. *Abdias*. *Montanha*.

ABSTRACT

This dissertation objective is to make an analysis of how the genre diary is used in the Cyro dos Anjos' novels: *O amanuense Belmiro*, *Abdias* and *Montanha*. Having such a priority we will seek to understand how this genre, for being fragmented and libertarian, enables a favorable environment for the exhibition of the personhood of the narrators. In this perspective, we will analyze the novels under the concept of diary, highlighting the peculiarities of this genre and analyzing how this structure contributes for the works in research. Therefore, we will use the theory of Philippe Lejeune (2008) about the diaristic format, as well as we will search for subsidies in the critical fortune of the literary works. Above all, we will rely on the readings of the novels, with the help of theories that have some connection with the proposed subject. Finally, we will show that the diary is the lyrical base of the three novels, as well as the connection point among them.

Keywords: Cyro dos Anjos. Diary. Lyricism. *O amanuense Belmiro*. *Abdias*. *Montanha*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. O DIÁRIO DO AMANUENSE.....	18
1.1 Sobre <i>O amanuense Belmiro</i>	18
1.2 Diário de Belmiro: suas doces memórias demarcadas no presente.....	24
1.3 Diário e narração em <i>O amanuense Belmiro</i>	29
2. O COMPLEXO DIÁRIO DE ABDIAS.....	39
2.1 <i>Abdias</i> : uma visão geral.....	39
2.2 Diário: narração da intimidade de Abdias.....	43
2.3 <i>Abdias</i> e <i>O amanuense Belmiro</i> : a narração diarística.....	51
3. MONTANHA: O DIÁRIO COMO RETORNO DO LIRISMO.....	58
3.1 Situando <i>Montanha</i>	58
3.2 O diário de Ana Maria: a volta do eu em <i>Montanha</i>	63
3.3 Uma análise do diário de Ana Maria.....	68
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
5. REFERÊNCIAS.....	80

INTRODUÇÃO

O escritor Cyro Versiani dos Anjos nasceu em 5 de outubro de 1906, na cidade de Montes Claros, em Minas Gerais. Migrou em 1924 para Belo Horizonte, onde exerceu algumas profissões. Burocrata em serviços públicos, advogado, professor e jornalista, adentrou no universo das letras, quando começou a escrever crônicas diárias para um jornal, o que influenciou seu romance de estreia, *O amanuense Belmiro*, publicado em 1937, no período do Modernismo. Porém, apesar de negar aderência a esse movimento, e de suas obras caminharem por outras perspectivas, foi com a proximidade do grupo de modernistas mineiros e de Carlos Drummond de Andrade que Cyro dos Anjos conseguiu um espaço importante na literatura brasileira. Sobre isso ele diz em entrevista:

Eu entrei para o grupo modernista quando o Modernismo já estava acabando. O Modernismo já estava num período de recesso, de modo que eu aderi mais ao Drummond do que ao movimento. Na verdade, nunca fui modernista; os meus livros não refletem nada de Modernismo. [...] de maneira que eu era modernista só de companheiragem. Os meus escritos não refletem essa revolução modernista. (ANJOS *apud* FÁVERO, 1991, p. 152)

O amanuense Belmiro foi recebido com bastante entusiasmo pela crítica, tornando-se a principal obra do escritor. Dotado de uma linguagem rebuscada e elegante, circunstância que o levou a ser comparado com o renomado Machado de Assis, Cyro dos Anjos também produziu outros dois romances, *Abdias* e *Montanha*, além de um livro de memórias denominado *A menina do sobrado*. Somadas a essas obras de cunho narrativo, consideradas as principais do escritor de Montes Claros, é importante frisar que ele ainda escreveu em 1954 o ensaio *A criação literária* e em 1964 *Poemas coronários*, encerrando sua carreira literária com *A menina do sobrado*.

Dos trabalhos na área das letras de Cyro dos Anjos, o foco de estudo desta pesquisa será concentrado nos três romances do autor: *O amanuense Belmiro*, *Abdias* e *Montanha*, os dois primeiros narrados em primeira pessoa e o último em terceira. Tendo como foco de estudo apenas as narrativas com feição diarística do escritor mineiro,

descartaremos *A menina do sobrado*, haja vista essa obra é voltada para as memórias de Cyro dos Anjos, narrando as fases da vida do escritor, desde a infância até a mocidade.

O amanuense Belmiro e Abdias são as narrativas que mais se assemelham entre si, primeiramente pelo caráter intimista de ambas, depois pela formatação diarística, da qual a lírica é a guia mestra dos narradores-personagens nas duas obras. Desta maneira, logo podemos perceber uma harmonia intensa entre o primeiro e o segundo romance do autor, tendo em vista que encontramos duas narrativas de caráter subjetivo com dois personagens centrais de acentuada tonalidade lírica, que levam o leitor a conhecer suas intimidades sem reserva alguma.

Um outro ponto passível de destaque a respeito dos dois primeiros romances em análise são os traços de Cyro dos Anjos impressos nessas obras. Dessa forma, temos no romance de estreia Belmiro Borba, um servidor público e literato, no centro da narrativa. Já no segundo livro vamos conhecer Abdias, servidor público, literato e professor. Essas características dos protagonistas são semelhantes às de Cyro dos Anjos. Tais circunstâncias nos sinalizam, por assim dizer, uma espécie de empréstimo de parte da vida do escritor na construção dos seus protagonistas e ratifica mais uma vez o parentesco entre os mesmos.

Em contrapartida, o terceiro romance, *Montanha*, considerado a obra mais experimental do escritor, é o mais divergente de todos, já que, por ser narrado em terceira pessoa, torna mais distante a possibilidade de uma prosa inteiramente lírica. Porquanto, se nos dois primeiros temos o foco em apenas dois personagens, que são seus narradores protagonistas, no último romance temos um narrador observador e vários personagens contemplados, afastando-se, *a priori*, da linha lírica, característica do mineiro. Não obstante, Cyro dos Anjos encontra um artifício para cumprir as expectativas de um romance em que o lírico possa se apresentar de modo evidenciado. O autor insere no meio do livro um diário típico, no qual um dos personagens desnuda-se em primeira pessoa, voltando-se para a própria subjetividade, e tal procedimento irmana *Montanha* com o perfil dos romances iniciais. Em vista disso, podemos notar que o diário está presente nas narrativas em pesquisa, e é um fator comum a todos os romances do escritor em destaque. Esse gênero é sempre utilizado por Cyro dos Anjos, a fim de manifestar a intimidade dos personagens, sugerindo sempre uma forte personalidade em suas obras.

De acordo com Philippe Lejeune (2008), o diário é o lugar onde o eu foge da pressão da sociedade e pode desabafar sem risco. Por conseguinte, é um espaço de exposição da alma, no qual são permitidas variadas coisas tais como: falar dos sentimentos, manifestar impressões, expor seus ridículos, exhibir seus pensamentos mais sombrios, e assim por diante. Isto posto, é por essa gama de elementos que o gênero diarístico pode abranger que ele foi escolhido para integrar de uma forma total ou parcial as obras ficcionais em pesquisa.

Diante dessa afirmação, no primeiro capítulo vamos trabalhar o diário do amanuense Belmiro Borba, um homem de quase quarenta anos, de vida simples, tímido, servidor público, que nos narra o seu cotidiano. No romance é relatada a roda de amigos de Belmiro, sua rotina familiar, seus amores idealizados, pensamentos e impressões de vida. Ainda dentro dessa obra, podemos encontrar um espaço grande para as memórias rurais do protagonista, porquanto ele migrou de uma cidadezinha chamada Vila Caraíbas para Belo Horizonte, mas mantém sempre viva as lembranças de sua vida campestre, assim como se orgulha de suas raízes. Toda essa conjuntura transformar-se-á em poesia descritas em uma caderneta íntima, no qual a subjetividade do narrador estará exposta sem preservação alguma.

No segundo capítulo temos o caderno de notas íntimas de Abdias, um homem tímido, maduro, casado com Carlota, burocrata e professor. Neste livro, o espaço principal da narrativa é um colégio, para o qual ele foi convidado a ministrar aulas e onde se apaixona perdidamente por uma aluna, Gabriela, personagem que mobiliza a trama do romance. Esse fato ocorre porque a temática amorosa de um homem mais velho por uma adolescente fará com que os segredos e pensamentos mais íntimos de Abdias sejam revelados, sendo o diário do narrador que nos permite conhecer toda a trama e o próprio Abdias em todas as esferas, por meio de um lirismo desenfreado.

Já no terceiro capítulo vamos ter uma trama divergente das obras anteriores, com variadas vozes, uma vez que esse romance retrata a política brasileira em meados do século XX. Todavia, em meio à narração de toda uma disputa pelo poder haverá o surgimento da personagem Ana Maria, que foi amante de Pedro Gabriel, principal político descrito no livro em estudo. Essa mulher possui um diário, que registra do início ao fim esse caso amoroso e está inserido no interior do romance. Desse modo, em meio à narração em terceira pessoa, de cunho mais objetivo, aparecerá a intimidade de Naná, que seria o retorno da subjetividade lírica, abrindo seu coração e narrando em

primeira pessoa a sua história. A partir disso, podemos ratificar a volta do lírico em *Montanha* através do diário de Ana Maria.

Como é possível observar, a convergência entre as três obras ficcionais de Cyro dos Anjos é o diário, denotando sempre a linha sentimental peculiar a esse autor. Por este motivo, *A menina do sobrado* não será contemplada nesta pesquisa, pois, apesar de as memórias do escritor mineiro aparecerem voltadas para o lirismo, ainda assim temos um livro trabalhando as memórias de perfil mais referencial. Além do mais, embora as memórias façam parte do gênero diarístico – “o diário será ao mesmo tempo arquivo e ação”, “disco rígido” e “memórias vivas” (LEJEUNE, 2008, p. 262) –, este gênero preza pelo cotidiano enquanto que as obras memorialistas tendem a contar o que se passou em um ato de evocação do passado, não através de escritos do dia a dia, como ocorre em um diário.

Sabe-se que o diário tem cunho relevantemente intimista e se preocupa em narrar o momento presente. Tal afirmação nos leva a entender que todo o sentimento e verdade é posto quando se opta por esse tipo de escrita, visto que existe um espaço nesse material para escrever sobre a impressão de um agora. Essas impressões descritas no caderno de notas íntimas têm o dom de revelar a alma de quem o escreve, já que se pauta na sinceridade. Ademais, nesse tipo de gênero, o cotidiano é um aspecto também apreendido, gerando a sensação de descrição de uma autêntica realidade, sem contar nas variáveis possibilidades e na liberdade para inserir outros gêneros e outras tipologias, visto que o diário tem o conceito baseado na fragmentação.

Diante disso, o autor dos romances em estudo optou pela utilização desse gênero para narrar suas obras. Tendo suas duas primeiras obras voltadas para a subjetividade e intimidade, Cyro dos Anjos escolhe o diário para apresentar a vida de seus personagens nos mais diversos ângulos, de modo irregular, assim como também para ter a possibilidade de inserir nesta mesma tipologia narrativa traços de outras formas de narração. Sob outra perspectiva, em seu terceiro romance, de característica mais objetiva o autor introduz um diário típico como artefato para fazer voltar a subjetividade.

Em resumo, o objetivo central da pesquisa é colocar em relevo o uso do diário nos três romances de Cyro dos Anjos, como técnica utilizada para a manifestação lírica dos seus respectivos personagens. Em vista disso, faremos um estudo das três obras

separadamente, em capítulos e na ordem de publicação de cada um. Dentro de cada capítulo haverá, *a priori*, uma sinopse de cada romance, com um apanhado geral de contextualização e apresentação dos mesmos. Além disso, abordaremos a tipologia e o foco narrativo de cada obra, fazendo a relação com o gênero diarístico, esclarecendo também através de fragmentos das prosas como tal gênero é utilizado nos três romances, assim como destacaremos seu papel em cada obra para o desnudamento dos personagens através da manifestação do lirismo, nos pautando no conceito de diário de Lejeune (2008).

CAPÍTULO I

O AMANUENSE BELMIRO

1- O diário do amanuense

1.1 – Sobre *O amanuense Belmiro*

O amanuense Belmiro foi lançado em 1937, época em que vigorava a segunda fase do modernismo brasileiro, o intitulado romance de trinta. Nesse momento da literatura, as questões sociais estavam no centro da arte literária, assim como o regionalismo predominava nas obras desse período. Havia uma transformação na literatura nacional, que amadurecia nas mais diversas esferas, tornando-se cada vez mais crítica. O modernismo teve diversas fases; mas, de acordo com Candido (1985), é em 1930 que se inicia a fase mais madura e libertária da prosa brasileira, pois o homem e os problemas nacionais ganham uma maior visibilidade e nesse momento da nossa literatura podemos perceber o anseio por mudanças: “A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance e no conto, que vivem uma de suas quadras mais ricas, romance fortemente marcado de Neonaturalismo e de inspiração popular” (CANDIDO, 1985 p. 123).

Todavia, o romance em voga, apesar de estar classificado dentro desse contexto, possui um caráter completamente distinto da maioria dos romances da época de 1930, uma vez que o mesmo envereda por outro caminho de cunho mais íntimo e psicológico e possui uma linguagem muito elegante voltando-se mais para o estilo da literatura tradicional. Por conta disso, houve uma comparação da escrita de Cyro dos Anjos com a de Machado de Assis. “Muita embora a fortuna crítica seja plural, abordando vários assuntos, observa-se um tema dominante (...). Dos quarenta e seis artigos publicados em 1937, vinte e um sugeriram a aproximação de Cyro dos Anjos a Machado de Assis” (NOBILE, 2005, p. 16). Contudo, apesar de haver semelhança entre as obras de Cyro dos Anjos e Machado de Assis existe uma divergência pelo menos em um quesito, o último tem o tom da ironia imposta nas suas obras, enquanto o primeiro escreve de forma poética e doce.

Ainda assim, com toda controvérsia entre o romance em questão da fase literária vigente em 1930, a recepção tanto pelo público leitor quanto pela crítica foi positiva, sendo visto com simpatia, pela maioria dos que se ocuparam da obra, fato esse que o próprio Cyro dos Anjos afirmou em entrevista a Afonso Henrique Fávero:

Quando surgiu *O amanuense*, havia um certo cansaço da literatura nordestina, do homem do campo, do ciclo do açúcar; aliás, com grandes escritores como Graciliano Ramos e José Lins de Rego. O meu livro veio com outro espírito; é um livro intimista, pelo menos pretensamente psicológico, de maneira que ofereceu um outro tipo de leitura na ocasião e realmente ele foi acolhido com muita simpatia. (ANJOS *apud* FÁVERO, 1991, p. 148)

Todavia, mesmo obtendo um ótimo acolhimento por parte da crítica houve muitas dificuldades para classificar em que categoria a obra de Cyro dos Anjos estaria enquadrada. Posto que, o romance surgiu em um período em que a temática regionalista e os temas sociais eram predominantes, e a literatura passava por transformações com relação às temáticas e à estética, e estas se voltavam mais para o modelo tradicional na escrita de Cyro dos Anjos.

Essa dificuldade da crítica literária em dar um “lugar” para Cyro dos Anjos dentro do panorama da literatura brasileira, é dado relevante e revelador, pois põe à mostra o surgimento de um escritor notadamente “diferente” da maioria que publicava àquela altura daquela época da década de 30. O fato de Cyro ter rompido com o modelo de literatura que se exigia documental e imposto um outro, trouxe desconforto à crítica literária brasileira, que reconhecia, na classificação do romance e de seu autor, uma tarefa arriscada e complexa. (NOBILE, 2005, p. 14)

Por assim dizer, a narrativa de Cyro dos Anjos obteve algumas formas de análise, na tentativa de realizar o enquadramento do autor em alguma categoria. Sendo assim, para uns a chegada do autor funcionou como um rompimento com as temáticas do romance de trinta, que naquele momento já conhecia certa exaustão; já para outros, Cyro representava a volta do estilo de Machado de Assis, pela semelhança da escrita e do estilo de ambos. Contudo, houve uma concordância de que *O amanuense Belmiro* tinha uma excelente qualidade em diversos aspectos. “[...] a repercussão desse livro tem sido à altura do seu mérito. Todos os críticos são unânimes em tecer-lhes os mais calorosos elogios” (CAMILO, 1937 *apud* NOBILE, 2005, p. 24). Assim,

O Amanuense Belmiro, sendo embora, pela sua intriga, o mais simples dos romances, é dos que alcançam mais fundo, pela justeza, pela profundidade com que Cyro dos Anjos põe a nu o mais humano das figuras que apresenta, e em primeiro lugar a do autor do diário. É uma obra em que tudo é qualidade, quer dizer, em que tudo vale principalmente pela escolha, em que não ficaram as aparas, nem as dedadas, mas tão-só a linha definitiva. (MONTEIRO, 1964, p. 210)

Diante da citação acima, pode-se confirmar que mesmo saindo do horizonte das outras obras do romance de trinta, não houve em relação ao livro nenhuma uma espécie

de excitação pela quebra da linearidade desta estética com os paradigmas da época. Destarte, a obra de Cyro foi muito bem aceita por parte da crítica, tanto pelo conteúdo da narrativa, quanto pela sua linguagem refinada: “a impressão de acabamento, de segurança, de equilíbrio, de realização quase perfeita, revela o artista profundamente consciente das técnicas e dos meios de seu ofício” (CANDIDO, 1945, p. 16).

A obra de Cyro dos Anjos iniciou-se de umas crônicas diárias escritas pelo o autor para o jornal *A tribuna*, em 1933, na cidade de Belo Horizonte, assinadas com o pseudônimo de Belmiro Borba. Desse modo, naturalmente surgira o personagem principal do romance em voga: “O certo foi que as crônicas acabaram impondo uma atitude e um estilo àquele que as assinava. Nascera, pois, um personagem, sem que o cronista suspeitasse” (NOBILE, 2005, p. 25). A partir dessa constatação, podemos afirmar que muitas das características d’*O amanuense Belmiro* desabrocharam dessas crônicas.

O amanuense Belmiro, primeiro romance publicado por Cyro dos Anjos, narra em primeira pessoa, em uma espécie de diário, a vida de um servidor público chamado Belmiro. A obra traz em seu bojo muitos elementos colaboradores para torná-la passível de bastante complexidade tais como: questões interiores, psicológicas, política, memórias, filosóficas. Diante dessa afirmação, é bastante comum encontrar várias vertentes para a leitura desse livro, uma vez que o mesmo abre um leque bastante propício para variadas investigações. “É fato que o enredo de *O amanuense Belmiro* não é uno, porém se subdivide em quatro subenredos ou quatro planos, que se relacionam a diferentes aspectos da vivência do protagonista.” (MÁLAQUE, 2008, p. 79).

A personalidade de Belmiro Borba advém da personagem das crônicas, que se constituía em fragmentos. Essa afirmação pode ser ratificada pela composição da personagem principal da história, posto que a mesma é composta baseada em ambivalência. Esse fato também ocorre com a própria estrutura do romance, uma vez que toda a composição da obra respalda-se em diferentes aspectos de maneira ágil, permitindo uma narrativa bem movimentada e contraditória, concomitante a uma boa articulação das ideias, assim como ocorreu com as crônicas assinadas por Belmiro Borba:

Cyro dos Anjos começou a escrever crônicas diárias em um jornal, foi um Belmiro Braga com sofisticação de Machado de Assis. Ora, essa duplicidade ou junção de elementos contraditórios constitui-se no pseudônimo Belmiro Borba; parece dizer muito sobre o personagem criado, fazendo-se também

sob o signo do carnaval. Ele opera uma mistura de característica central do personagem, explorada em grandes números de crônicas e, posteriormente, apresentada ao romance. O pseudônimo, criado num momento em que inexistiam grandes intenções sobre a criação de um personagem, e muito menos quanto à escrita de um livro, já diz de antemão muito sobre o protagonista e sobre a obra, à medida que aponta para uma criatura híbrida. (MÁLAQUE, 2008, p. 34-35)

A hibridização do personagem já pode ser constatada no início da narrativa, quando o eu-lírico narra o natal ao lado dos amigos. Nesse momento, o protagonista da história narra sobre suas impressões do que ocorreu naquele dia, contando detalhes das conversas, dos chopes, das filosofias de vida citadas por seus amigos. Estes são descritos por Belmiro dessa forma: Jandira é uma socialista; Silviano filósofo e intelectual; Redelvim é um anarquista; Glicério tende para aristocracia; Florêncio um pequeno burguês, bem simples. Com a descrição dos seus amigos, pode-se projetar a personalidade de cada um e chegarmos à conclusão, de como esses são distintos entre si, sendo o Borba a pessoa que reúne essa diversidade de personalidades e consegue apaziguar as diferenças entre seus companheiros:

O Amanuense Belmiro é, em síntese, uma reflexão profunda sobre o destino de um intelectual na sociedade. Belmiro Borba é um intelectual inofensivo anônimo, sem qualquer projeção. Bem comportado, é um homem de meios tons e meias medidas. A multidão provoca nele uma ruptura de equilíbrio e seu senso de coletivo reduz-se à roda de chope e ao seu igualitarismo. Ao ver seu grupo ameaçado de dissolução devido a dissensões políticas, faz grandes esforços no sentido de conciliar os contrários e mantê-lo coeso. Mas como conviver a direita com a esquerda. (VASCONCELOS, 1982, p. 130)

O amanuense confirma ser uma pessoa extremamente fragmentada, esse fato já pode ser comprovado por ser a pessoa base de um grupo tão distinto. Esse é o primeiro indício da ambivalência do narrador do romance, já que em meio a tantas diferenças ele consegue identificar-se dentro dessa hibridização, na qual as pessoas possuem diferentes pensamentos e culturas. Porquanto, o personagem principal não se encaixa em nenhuma dessas personalidades, visto que o amanuense não reconhece sua personalidade, ou seja, ele não se classifica em categorias:

Quanto ao que pensam de mim os velhos companheiros, Redelvim e Silviano o exprimiram: para o primeiro, serei um céptico pequeno burguês que, não por ação, mas por omissão, serve o sistema capitalista; para o segundo, sou um homem fraco, que não tem o senso da hierarquia e tende para um igualitarismo dissolvente. Afinal, todos, exceto eu, sabem o que eu sou. Acham indispensável classificar o indivíduo em determinada categoria. E se eu não for coisa alguma, ou for tudo ao mesmo tempo? Há anos passados, eu costumava entregar-me a um passa tempo perigoso: procurar, nos conceitos, igual número de argumentos, da mesma força, em favor do que afirmavam e

contra o que afirmavam. Jamais encontrei algum cujo contrário não pudesse ser também defendido. (ANJOS, 2001, p. 57)

Diante dessa afirmação, podemos dizer que possuir amigos tão diferentes entre si seria a junção de tudo que ele pode ser, não ser ou ser, ao mesmo tempo, posto que Belmiro defende a possibilidade do homem ter em sua composição características distintas, por vezes até contraditórias ao mesmo tempo. Esta afirmação pode ser ratificada neste trecho do romance exposto abaixo:

Por que não de classificar os homens em categorias ou segundo doutrinas? O grande erro é pretender prendê-los a um sistema rígido. Socialismo, individualismo, isso, aquilo.

As ideias de um homem podem não comportar-se dentro dessas divisões arbitrárias. Não é possível ser-se tudo ao mesmo tempo? E, se sentimos que a verdade e a contradição foram semeadas em todos os campos, como poderemos definir-nos? Tudo o mais é violência ao espírito. Dizem que tal perplexidade ou tal cepticismo conduzem à inação. A prova do contrário está em mim. Atuo, no meu setor, como se acreditasse nas coisas. As necessidades vitais fazem o homem agir e não permitem que ele se torne um contemplativo puro.

(...)

-Afinal, que é que você é, na ordem das coisas? perguntou-me.

-Talvez um “individual-socialista”, respondi, para lhe satisfazer. Você achará absurdo, mas não encontro vocábulo que me defina. Talvez esses dois juntos sirvam para isso. Se vier a revolução, não é preciso, porém, que me deportem ou fuzilem. Sou um sujeito inofensivo, para todos os regimes... (ANJOS, 2001, p. 112-113)

O trecho extraído do romance deixa transparecer a fragmentação que Cyro dos Anjos impôs na personalidade do narrador do seu romance. Um outro fator que ratifica o fracionamento do livro diz respeito ao seu formato, pois no primeiro instante o romance parece encaminhar-se para conter formato de memórias pelas variadas menções do protagonista ao seu passado rural, em vila Caraíbas. Quando na obra ocorre a menção ao passado da vida campestre do Borba, há uma certa evocação da sua antiga vivência. Mas, apesar da nostalgia, o cotidiano é demarcado e descrito fortemente no romance: “(...) a forma trata de desmentir as palavras, e os cadernos de Belmiro se constituem, desde o início, como um diário e em nenhum momento como livro de memórias” (BUENO, 2006, p. 553). Para tanto, quando começamos a leitura da narrativa, há sempre uma dúvida, se estamos lendo um livro de memórias, ainda que mais tarde o autor confirme o formato de diário predominante. Esse jogo parece ser um ato intencional, para que possa demarcar o caráter ambivalente da narrativa, como um todo. “(...) Se mergulha no passado o cotidiano se infiltra; quando o presente reclama

sua atenção, seu espírito se desvia para as zonas da memória” (VASCONCELOS, 1982, p. 124).

Para a crítica que se ocupou do livro, há pelo menos um grande elemento consensual: a identificação de um conflito central entre o passado e presente que, no caso de Belmiro Borba, remete a um outro conflito, entre o rural e o urbano. Esse conflito é dinâmico e, segundo o próprio Belmiro, incide sobre a narrativa à medida que vai afastando o passado e transformando o que era para ser um livro de memórias em um diário. (BUENO, 2006, p. 551)

Em formato de diário, *O amanuense Belmiro*, apesar de apresentar fatos exteriores, volta-se para uma análise do interior do homem. Os relatos da vida dos seus companheiros, a descrição da forma de ser dos outros personagens da prosa e a narração do seu cotidiano familiar, são utilizados como pano de fundo, para uma análise mais intrínseca do pensamento de Belmiro. Embora haja alguns momentos cômicos, inseridos na obra, a predominância é a subjetividade do eu lírico narrador, que expõe seus sentimentos, seus pensamentos mais íntimos.

A predominância indiscutível de um romance diarístico é a forma que Cyro encontra para expor seu íntimo e para o leitor adentrar de forma mais intensa no interior da personagem. Ademais, este formato tem como algumas de suas características a possibilidade de narrar presente ou passado, fatos continuados e descontinuados e o ato principal de expor sentimentos mais íntimos e o que mais importa para si. Desse modo, para uma narrativa fragmentada como *O amanuense Belmiro*, esta forma de escrita teve bastante êxito para a proposta de Cyro dos Anjos, já que o autor escreveu esse livro em primeira pessoa com expressão poética do eu lírico narrador marcante em toda narrativa:

No romance, a intenção, a ética é visível na configuração de cada detalhe e constitui, portanto, em seu conteúdo mais concreto, um elemento estrutural eficaz da própria composição literária. Assim o romance, em contraposição à existência em repouso na forma consumada dos demais gêneros, aparece como algo em devir, como um processo. (LUKÁCS, 2000, p. 72)

A estrutura da obra em formato de diário permite uma visão bastante introspectiva de Belmiro, apesar desse gênero narrativo possuir uma certa cronologia de tempo, Cyro dos Anjos o usa da maneira versátil, visto que o mesmo ora descreve o passado, ora narra o presente e só conta o mais relevante para ele. Contudo, essa forma é determinante para a manifestação do lirismo que permeia todo o livro, uma vez que dentro dessa perspectiva existe uma exposição dos sentimentos e pensamentos mais

íntimos de um ser e é nesse momento que podemos conhecer a alma do Borba, a cada fato ou impressão narrada na obra:

É certo que o tempo tem papel central nesse romance, intimamente relacionado ao gênero escolhido: o diário. Um romance em forma de diário impõe – de modo marcadíssimo – uma cronologia. O diário é a escritura do pouco a pouco, e o personagem foi sendo apresentado dessa forma: no pouco a pouco. Pode-se, aliás, pensar que, se todo o livro é dedicado à apresentação do personagem, não faria sentido dá-lo de uma só vez. (MÁLAQUE, 2008, p. 82)

O romance em destaque tem o diário como formato e teve um acabamento perfeito. O fato de surgir na segunda fase modernismo, diferindo das outras obras do mesmo período, não afetou a aceitação do público, nem da fortuna crítica, visto que foi recebido como uma grande obra. Sendo assim, pode-se afirmar que a troca das questões sociais, do regionalismo pelo intimismo fora visto como uma agradável novidade desse período. Desse modo, temos um romance no qual o eu narrador permeia na inércia, em uma trama extremamente dinâmica, baseando-se sempre na dualidade e não se firmando em nenhum momento em uma só unidade, no que tange tanto a personalidade do amanuense, quanto à estrutura da obra de Cyro dos Anjos, que apesar de ser narrado em formato de diário, as memórias sempre se insinuam.

1.2 – Diário de Belmiro: suas doces memórias demarcadas no presente

O romance em pesquisa é construído com a predominância da formatação diarística. Apesar disso, encontramos variadas passagens dentro dele com foco nas memórias do personagem, utilizado para que o mesmo possa relembrar o seu passado, como também situar o leitor sobre ele. É sabido que um diário tem em sua fundamentação a narração do momento presente, contudo também é um gênero propício para abranger nele outras formas de narração. Aproveitando-se dessa abertura, o autor da obra em questão, utiliza as memórias do narrador no diário do protagonista, a ponto de a princípio gerar dúvida se estamos lendo um livro voltado para as lembranças do passado ou para o agora de Belmiro.

(...) Quanto ao conteúdo, depende da sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. A forma, por fim,

é livre. Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo, dependendo se o diarista escreve apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir outra pessoa. Os únicos traços invariáveis resultam da definição aqui proposta: a fragmentação e a repetição. (LEJEUNE, 2008, p. 261)

Nessa situação, as memórias do protagonista introduzidas nos seus escritos íntimos são um aparato permitido por esse gênero, pois nele não há limites para conteúdo pela sua fragmentação, permitindo assim espaço para variadas possibilidades. Outrossim, memória e diário, apesar de possuírem perspectivas distintas, relacionam-se de certo modo, dado que o diário volta-se para o presente, mas no futuro suas anotações podem funcionar como uma espécie memorial: “(...) a anotação quotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma ‘identidade narrativa’ que tornará minha vida memorável” (LEJEUNE, 2008, p. 262).

Por assim dizer, ao escrever um diário estamos também rememorando um momento, porquanto se pensarmos em um futuro, ainda que esses escritos não sejam mais lidos, neles estarão as lembranças de um instante. Isto porque se entende por memória a capacidade psíquica por meio da qual se consegue tanto reter quanto lembrar o passado, com isso pode-se afirmar que o passado pode ser manifestado assim como também pode ser silenciado. Esse termo também é concernente à lembrança de algo que já passou e por vezes esse passado é misturado com as imagens do presente. Desse modo, Ecléa Bosi disserta em *Memória e sociedade*:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre coisas: trata-se da memória, hábito, memórias dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1994, p. 48)

As memórias do amanuense estão presentes nas confissões íntimas de Belmiro e é representada em parte pelas suas irmãs. Elas vieram de Vilas Caraíbas para morar com o amanuense e na visão deste representam seu passado na vida rural. Para ele a presença delas cria o clima da fazenda. Torna-se nítido no romance de Cyro em voga o enraizamento do tempo que se foi; este é constantemente marcado pela recordação descrita de forma doce e poética em toda a narrativa, mesclando-se com seu cotidiano: “Esse passado mágico, toda velha Minas que vem cercar o pobre amanuense, - placenta

de quem não se desliga e que o condiciona, - funde-se no presente citadino. Oposição falaciosa que alimenta as quimeras de Belmiro” (CANDIDO, 1946, p. 3). Assim, no trecho que será exposto posteriormente o protagonista da história faz essa afirmação:

Quando o Borba morreu (a velha Maia partiu bem antes) e a fazenda foi a praça, recebi-as como herança. Emília não tinha, então, os cabelos grisalhos, e Francisquinha andava pelos trinta. Que custo trazê-las em viagem a cavalo e, depois, no comboio da Central! Vieram iludidas, pensando que iam para São Paulo, ficar na companhia de tio Firmino. Custaram a habituar-se a mim e ao meu modo de vida. Tanto tempo andei afastado delas, que lhes pareci um estranho. Ainda assim, tão distantes de mim, encheram minha vida, e Emília é, nesta casa, uma presença vigorosa e viril, que restabelece a atmosfera moral da fazenda. (ANJOS, 2001, p. 26)

As memórias também podem ter caráter individual e coletivo. As memórias individuais são aquelas que somente o indivíduo singular poderá fazer o reconhecimento delas, pois pertencem somente à pessoa. Esse tipo de lembrança é muito difícil de evocar; destarte, de acordo com Halbwachs, a memória, por mais individual que possa ser, somente é construída em sociedade (HALBWACHS, 2003). As recordações individuais, para se efetivarem, necessitam do referente do outro, posto que elas existem por causa das diferentes influências da memória coletiva. Essas lembranças geralmente são as mais comuns, e como o próprio nome já sugere é um fenômeno coletivo e de cunho social criado de forma grupal. Assim como a individual, a construção dessa memória vai depender da influência do coletivo e deve ser mais intensa, pois constituímos para nós em companhia. No caso de Belmiro esse coletivo é representado pelas suas irmãs.

A partir dessa afirmação, na prosa as irmãs do amanuense representam seu passado rural, embora estejam também presentes na composição do seu cotidiano na cidade. Outro ponto que pode ser destacado das memórias no presente do cotidiano de Belmiro seria a sua vida amorosa, pois, apesar de Belmiro ser um solteirão, o mesmo também tem seus amores narrados no romance. O autor escreve a respeito do seu amor súbito por uma jovem rica chamada Carmélia, que ele conhece em uma noite de carnaval, a quem de início ele denomina Arabela, fazendo alusão a seu mito de infância. Esse amor impossível preenche os dias de Belmiro e o leva a fazer diversas loucuras, perdendo até mesmo o bom senso, podemos ratificar isso em:

Passei o dia todo a escrever no papel: Arabela Borba. Carmélia Miranda Borba. Carmélia Borba. Tolices. Não sei até onde irá essa fantasia de amanuense ocioso. No fundo, a culpa é da Seção de Fomento, que não fomenta coisa alguma senão meu lirismo. Bem agem aqueles que acorrentam

os homens e lhes dão um duro trabalho. Deixem-no folgado, e teremos o anarquista, o poeta, o céptico e outros seres que perturbam a vida do rebanho. (ANJOS, 2001, p. 66)

Todavia, esse amor descrito na narrativa por Carmélia Miranda faz referência também ao seu amor do passado, Camila e ao seu mito de infância. Logo esse sentimento do seu momento atual também faz referência a seu passado. Essa moça foi sua namorada em Vila Caraíbas e, quando morreu, deixou um vazio amoroso no ser do nosso amanuense: “Nesse plano, Carmélia Miranda preenche o espaço deixado por sua ex-namorada caraibana Camila e por seu mito infantil, Arabela. O próprio nome Carmélia parece resultante dessa mescla de Camila e Arabela” (MILANESI, 1997, p. 53). Dentro dessa perspectiva, o protagonista opta por recordar seu amor do passado, seu mito infantil no seu amor idealizado por Carmélia, e ainda sente uma atração por Jandira, representante também do seu cotidiano. Esta também se contrapõe a seu amor do passado “A sombra de Camila me subtraiu à realidade de Jandira e reconduziu-me às estradas perdidas de Vila caraíbas, que levam àquela serra muito azul e esquivada. E desviou-me no tempo” (ANJOS, 2001, p. 34).

Diante dessa afirmativa, nos amores de Belmiro há sempre uma espécie de jogo entre passado, presente, idealização e mito, ratificando a mescla existente na obra, e destacando assim a oscilação existente entre suas memórias e seu cotidiano, também na vida amorosa de Belmiro. “Por que te deixei Camila? Na verdade, eu te amava, o que amo nessa Carmélia, que não atinjo, é talvez, apenas a tua imagem” (ANJOS, 2001, p. 118). Na citação abaixo, o autor confirma que o amor a Carmélia é, sim, a busca dos tempos vividos e fantasiados em Vila Caraíbas:

Com uma vaga imagem física, fornecida pela moça Carmélia, da rua Paraibuna, e com sombras e luzes, que havia dentro de mim, construí uma Carmélia cerebral que me causava devastações. A solidão fez com que eu revivesse um processo infantil e o velho mito de Arabela perseguia-me sempre. Uma noite de carnaval cheia de sortilégios, fez-me encarná-lo nessa donzela Carmélia, que não tem culpa de coisa alguma. E criei um ser fantástico, onde só entram tênues traços da moça: o mais, já se sabe, é contribuição do luar caraibano, das noites ermas, de todo o monstruoso romantismo, secreção mórbida da fazenda e da vila. (ANJOS, 2001, p. 78)

O narrador de *O amanuense Belmiro* procura sempre expressar seu encantamento pelo seu passado rural, e a visão é muito utilizada pelo mesmo para evocar suas memórias. Através desta, em cada olhar do seu presente ele consegue enxergar o velho Borba, sua mãe, sua infância, a fazenda, os festejos, seus mitos e

amores. Neste trecho abaixo podemos confirmar esta afirmação, quando a partir de uma visualização da rua onde o amanuense mora, ele consegue adentrar no clima rural que fez parte da sua antiga vivência:

Do Alpendre da casa, na velha cadeira austríaca, fiquei a olhar os transeuntes. A Rua Erê não é atrativa neste particular, com sua reduzida fauna humana. Talvez seja isso que sempre me leva a passear o pensamento por outras ruas e por outros tempos. Eu fechava os olhos, e a Ladeira da Conceição surgia, diante de mim, com a nitidez de um acontecimento matinal. Vila Caraíbas e seus cortejos de doces fantasmas. Tão suave era a visão que a garganta se me apertava, e eu sentia os olhos se umedecerem como vidros. (ANJOS, 2001, p. 26)

Pode-se destacar que o tempo que se foi para o amanuense tem bastante relevância e é sempre lembrado com lirismo poético. Não obstante, a obra de Cyro não tem formato de memórias e sim de diário, no qual o presente é interrompido pelo passado, fundindo-se um ao outro. Para o personagem principal, suas memórias são imprescindíveis para preencher seu momento presente; desse modo, ele não consegue desviar-se de evocar seu passado, pois os constituintes do mesmo funcionam como uma espécie de refúgio, alimentando sua alma para viver o seu presente.

Toda essa percepção existente no passado dentro do presente ocorre no texto de forma intimista, uma vez que percebemos essa mescla entre esses dois tempos através da exposição do interior da personagem, fato possível somente pela escolha da estrutura diarística da prosa pelo seu autor, pois é através dela que esse movimento entre memórias e cotidiano pode concretizar-se com plenitude, buscando um equilíbrio na alma de Belmiro. O texto abaixo traz à luz essa equiparação entre passado e presente e comprova a presença desses dois momentos na vida do eu narrador:

Tais desnivelamentos é quem compõem a minha vida e lhe sustenta o equilíbrio. A um Belmiro patético, que se expande, enorme, na atmosfera caraibana – contemplando a devastação de suas paisagens - sempre sucede um Belmiro sofisticado, que compensa o primeiro e o retifica, ajustando-o aos quadros cotidianos. Chegado à sua toca da Rua Erê, o Belmiro egresso de Caraíbas se apalpa, se reajusta e assobia a fantasia do Hino Nacional do Gotschalk. (ANJOS, 2001, p. 99)

O trecho descrito acima funciona como uma comprovação do passado demarcado no cotidiano d'*O amanuense Belmiro*, na medida em que o narrador afirma que esses dois extremos compõem a sua vida e a equilibram: O Belmiro patético que relembra o passado caraibano com doçura e o Belmiro da Rua Erê tentando ajustar-se ao modelo do cotidiano. Esse presente é a estrutura escolhida para o romance, pois o

mesmo acontece em forma de diário, embora as memórias apareçam dentro dele, ratificando a relação existente entre ambos.

1.3- Diário e narração em *O amanuense Belmiro*

O foco narrativo define-se pelo ângulo de visão do narrador em relação à narrativa. No presente romance, a narração ocorre em primeira pessoa, assim há uma participação direta nos acontecimentos do romance por parte de quem narra os fatos. Nesse caso, Belmiro seria o narrador-personagem, contando os fatos à sua maneira e resultando que esse tipo de narração fica caracterizada pela expressão dos sentimentos e impressões de quem conta sua história. Sendo assim, todo o conjunto de elementos existentes em *O amanuense Belmiro* é a visão global do protagonista marcada na obra, tanto as impressões de vida, como também sua opinião a respeito dos outros personagens.

Diante disso, quando Belmiro Borba descreve suas irmãs, seus amigos, seus sentimentos, seus pensamentos sobre a vida, nos é dado apenas um ponto de vista de toda a obra, pois a ótica das coisas parte do narrador-personagem. “O narrador, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 1985, p. 44). Assim, o único que podemos conhecer profundamente nesse romance é o personagem Belmiro, já que os outros participantes do enredo somente conheceremos a partir do que ele nos revela, enquanto personagem ficcional.

A narração tem como fundamento contar uma história, seja ela real ou apenas pautada na ficção. Dessa maneira, quando um romancista está a escrever um romance, ele recria uma realidade e atribui sentido à mesma, através das suas experiências, pautando-se no esboço da vida: “Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o imensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

A partir dessa afirmação pode-se pensar que narrar um romance é mergulhar no infinito da vivência. Sendo assim, a narração do cotidiano da vida de Belmiro, além de conter a experiência de Cyro dos Anjos, tem a presença da essência da vida em seus diversos aspectos. É possível confirmar essa afirmação, desde o momento em que o autor do romance em destaque, a partir da descrição do dia a dia de Belmiro, consegue mostrar, além de fatos corriqueiros, a alma do protagonista, deixando à mostra um Borba com todas as suas vertentes.

A opção de Cyro dos Anjos pelo gênero diarístico para narrar a obra funciona como fator que ratifica a intenção do artista em fazer o personagem transparecer em todos os seus aspectos de vida, tendo em vista que um diário íntimo tem em sua base fatos triviais da rotina, assim como também a franqueza de sentimentos. Portanto, se a perspectiva pauta-se na espontaneidade, na confissão sincera, como é o caso d'*O amanuense Belmiro*, a escolha do gênero foi de grande importância para o resultado desse grande romance. “Nesse sentido, o diário como método narrativo preenche a premissa do romance como gênero, através de sua promessa de relato sincero, autêntico e aberto, como uma inconfidência sem destinatário” (BARCELLOS, 2004, p. 44).

A ideia de diário sugere escritos de uma vida cotidiana com tempo cronológico demarcado, pois essa seria uma das principais características constituintes desse gênero “a base do diário é a data” (LEJEUNE, 2008, p. 260). Não obstante, essa data não precisa necessariamente vir de forma cronométrica, podendo ter variadas formas de impressão de momento. Um exemplo dessa afirmação é a forma que Cyro dos Anjos usa para marcar o tempo em *O amanuense Belmiro*, quando inicia relatando os acontecimentos natalinos com o título “Merry Christmas”. Desse modo, a marcação do tempo em um diário não possui uma regularidade:

O diário é uma série de vestígios. Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências. O vestígio único terá uma função diferente: não a de acompanhar o fluxo do tempo, mas a de fixá-lo em um momento origem. O vestígio único será não um diário, mas um “memorial”[...] Já o diário se inscreve na duração. A série não é forçosamente quotidiana nem regular. O diário é uma rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas... (LEJEUNE, 2008, p. 260)

Assim, podemos afirmar que a demarcação temporal do romance em destaque dá-se pelo natal. Por possuir tais características como, por exemplo, poder ser irregular, por poder inserir outras temáticas além do cotidiano, o romance em ênfase acabou se

compondo dentro desse gênero, uma vez que a narrativa não procura manter uma linearidade e sim uma intensa movimentação entre gêneros. Por conta disso, o romance possui fatos do cotidiano narrado, memórias, psicologia e intimismo, outra característica desse formato imprescindível para a composição da obra de Cyro dos Anjos.

O amanuense Belmiro é um livro de caráter intimista, fato esse que justifica a presença de sua estrutura ser pautada em diário. Desse modo, o eu narrador expressa suas intimidades, evoca suas memórias e ainda abre a possibilidade de o leitor conhecer sua personalidade, através das impressões narradas a respeito da vida e dos outros personagens, permitindo assim um diálogo direto com o leitor da obra, ou seja, existe a impressão de que o autor fala com seu leitor. Vejamos a confirmação neste trecho a seguir:

Se, acaso, publicar um dia este caderno de confidências íntimas, perdoem-me os leitores as anotações de caráter muito pessoal que forem encontrando e que certamente não lhes interessarão. Quem escreve um Diário (afinal, estou escrevendo um Diário...) não se pode furtar à sua própria contemplação. É um narcisismo a que ninguém escapa. (ANJOS, 2001, p. 77)

Na citação acima, o eu narrador dirige-se diretamente ao público leitor e confirma o intimismo presente na narrativa, afirmando que não há como fugir de falar de si mesmo, por estar a escrever um diário, uma vez que este gênero é calcado na pessoalidade de quem o utiliza. Portanto, quem usa essa estrutura o faz com o intento de abrir a sua alma e expor os mais diversos sentimentos do seu ser, o que seria a expressão do eu lírico e Cyro dos Anjos expõe a alma de Belmiro no romance de forma poética, filosófica e até mesmo cômica, por assim dizer, nos mais diversos aspectos, para o leitor. “(...) A forma do diário desloca a atenção para um processo de criação, torna o pensamento mais livre, mais aberto a suas contradições, e comunica ao leitor a dinâmica da reflexão tanto quanto o seu resultado” (LEJEUNE, 2008, p. 264).

Dentro desse contexto, o interior do Borba é sempre marcado na narrativa, permitindo com isso que o leitor conheça o íntimo do narrador e tenha muitas vezes a impressão de que o mesmo está se dirigindo diretamente a ele. “Estas notas são íntimas e nela devo pôr toda sinceridade: o que chamei concessões, por eufemismo, pode cá entre nós, ser traduzido por um vocábulo mais direto: adulação” (ANJOS, 2001, p. 61). A expressão “cá entre nós” usada pelo o amanuense faz alusão direta ao público, como se ele nos tivesse fazendo uma confissão, que deve ficar apenas entre narrador e leitor:

Esta intimidade em que nos sentimos comovidos de penetrar, que cremos ser de fato de uma existência, eis um elemento de “captação romanesca” que, seja qual for a origem, é um poderosíssimo elemento de aproximação entre o leitor e a obra. Acrescente-se a isto a extrema nudez de estilo, a sua admirável sobriedade, à qual uma sutil ironia humaniza constantemente, e teremos os elementos que me parecem estar na base excepcional qualidade deste livro. (MONTEIRO, 1964, p. 210)

A partir das considerações acima, a estrutura diarística também funciona como um modo de aproximar autor e público. Ademais, esse gênero narrativo sugere intimidade, por assim dizer a interioridade é paradoxalmente exposta nestas linhas. Com isso, Belmiro desnuda-se e podemos conhecer o que se passa dentro do ser do protagonista, assim como também podemos conhecer seu cotidiano e reviver suas memórias, porquanto a estrutura do diário é fragmentada. Talvez por conta disso tenha sido escolhida para compor uma obra tão fracionada quanto *O amanuense Belmiro*:

Finalmente, podemos afirmar que as restrições que recaem sobre o diário não abrangem o domínio estético, permitindo elaborações muito diferenciadas, o que faz dele um receptáculo para todos os tipos de escritura, praticamente sem limites. Em suma, fragmentação, descontinuidade, heterogeneidade de conteúdos e de tratamento dos parâmetros da situação de comunicação, ausência de modelos fixos, tais parecem ser os conceitos-chaves que caracterizam os textos diaristas. (MACHADO, 1998, p. 29)

Dentro desse horizonte, no qual a forma do romance permite um desdobramento variado, a intimidade é um dos elementos mais marcante presente na narrativa. Porquanto Belmiro expressa-se liricamente na narrativa, revelando o mais profundo do seu interior, visto que o lirismo sugere o eu: “A Lírica apresenta-se como expressão monológica de um eu” (KAYSER, 1976, p. 201). Em seu caderno íntimo, como o próprio nome já sugere, há momentos que contemplamos o ser do amanuense. Aquilo que jamais ele poderia falar para alguém está presente na narrativa, fato que explica o fato da obra ser nomeada como intimista pela crítica. É o que se observa na demonstração do eu lírico:

Quero rir, chorar, cantar, dançar ou destruir, mas ensaio um gesto, e o braço cai, paralisado. Dir-se-ia que há em mim um processo de resfriamento periférico. Os outros têm pernas e braços para transmitir seus movimentos interiores. Em mim, algo destrói sempre os caminhos, por onde se manifestam as puras e ingênuas emoções do ser, e a agitação que me percorre não encontra meio de evadir-se. Reflui, então, às fontes de onde se irradia e converte-se numa angústia comparável à que nos provém de uma ação frustrada.

A multidão me revela, assim, que há coisas extraordinárias, vibrações estranhas, há um mundo diverso do meu e com o qual e com o qual tentarei, em vão, comunicar-me. No seu bojo, tocamos seres, tocamos seres cuja

existência nos surpreende quase dolorosamente, tão certos estávamos de que nada havia no espaço além do nosso sistema. (ANJOS, 2001, p. 36)

Neste trecho expresso, podemos verificar a fala do que se passa dentro do amanuense e sua dificuldade de colocar para fora o que realmente acontece dentro de si. No papel, ele expõe o que há dentro do seu interior, mas ao mesmo não consegue externar e nem colocar em ação aquilo que sente, pois ele se vê estático, fato que pode ser comprovado na expressão usada na citação acima: “e o braço cai paralítico”; e afirma não encontrar forma de realizar o desejo do seu íntimo. Porém desnuda-se na escrita, como refúgio para a expressão do seu lirismo, pois para o Borba é nela que certos pensamentos podem ser expostos, paradoxalmente sem tanta exposição.

Em uma obra, na qual o intrínseco se sobressai a variados fatores presentes, o diário é o gênero que comporta todo o bojo que traz esse romance, pois salientando o que já fora exposto este formato permite uma gama de variantes em sua escrita, inclusive a introspecção: “[...] ele também pode ser espaço de análise, de questionamento, um laboratório de introspecção” (LEJEUNE, 2008, p. 263). Diante disso, pode-se afirmar que o autor buscou no diário uma forma para a exposição da alma do personagem, um modo para ele questionar sua existência, uma auto-análise:

Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico. No seu âmbito poucas são as imagens do presente, e muitas as do passado. E se tal vida é melancólica, trata-se de uma sorte de melancolia a que meu espírito se adaptou e que, portanto, não desperta novas reações. (ANJOS, 2001, p. 36)

Essa passagem do romance demonstra Belmiro fazendo uma auto-análise da sua personalidade, na qual ele destaca a sua melancolia e sua forma estática de ser. “A produção do diário, assim é vista não simplesmente como expressão do que se pensa, mas como uma forma de descobertas dos próprios pensamentos, como instrumento de pesquisa interna” (MACHADO, 1998, p. 30). São as confissões íntimas que o diário em uma das suas principais características consegue abranger, sendo então usadas pelo autor para levar o conhecimento por inteiro do protagonista, uma vez que esse gênero tem o poder de contar fatos cotidianos, como também expor aquilo que queremos deixar guardado só para nós mesmos, na nossa intimidade.

Desejaria planar suavemente, conduzindo, sem tropeços, os que me acompanham, mas falta-me engenho para isso e nem poderia pô-lo, nestes apontamentos íntimos, sem o risco de falseá-los.

Este caderno, onde alinho episódios, impressões, sentimentos e vagas ideias, tornou-se minha própria vida, tanto se acha embebido de tudo que de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância. (ANJOS, 2001, p. 98-99)

Essa citação homologa a questão do intimismo existente no romance com a expressão “a parte mais íntima da minha substância”. Para tanto, a formação em diário é imposta no romance exatamente pelo fato que dentro dessa estrutura não há espaço para mentiras, visto que é tudo escrito neste tipo de caderno é puramente a essência do ser. Portanto, o que temos em *O amanuense Belmiro* é a pura a essência do seu interior, sem reservas, sem desvios, sem máscaras, permitindo que o leitor conheça o Borba por completo e adentre na sua alma. Por conta disso, esse romance é visto pela crítica de forma especial, por conseguir transmitir para o leitor com maestria a intimidade do eu lírico narrador.

E com isto pouco disse desse livro. É curioso: talvez dissesse pouco por uma espécie de pudor em tocar naquela atmosfera tão viva, tão recatada, tão íntima - em quebrar com palavras importunas uma melodia como raramente se encontra num romance, um bafo da vida a tal ponto real que desperta imediatamente tudo o que há de mais íntimo e secreto em cada um. (MONTEIRO, 1964, p. 211)

No mesmo contexto das confissões íntimas, o autor da obra, através da metanarrativa, termo usado quando o narrador aborda sobre a construção da obra dentro da própria obra, utiliza o diário também para expressar o modo da construção da narrativa. Contudo, é preciso frisar que quem toca na metanarrativa é o próprio Belmiro, narrador em primeira pessoa e escritor do seu diário, afirmando o fazer da sua prosa, dentro de uma realidade imaginária. A opção pelo gênero diarístico seria justamente para causar esse efeito, pois o escritor, apesar de existirem especulações sobre um possível aproveitamento autobiográfico na obra, liberta totalmente seu personagem. Por assim dizer, o fazer narrativo é descrito por Belmiro Borba. Podemos ver isso em:

Examinando-as, hoje, em conjunto, noto que, já de início, se compromete meu plano de ir registrando lembranças de uma época longínqua e recompor o pequeno mundo de Vila Caraíbas, tão sugestivo para um livro de memórias. Vejo que, disfarces cavilosos, o presente se vai insinuando nestes apontamentos e em minha sensibilidade, e que o passado apenas aparece aqui e ali, em evocações ligeiras, suscitadas por sons, aromas ou cores que recordam coisas de uma época morta. (ANJOS. 2001, p. 39)

Este trecho da obra diz respeito aos planos iniciais que o narrador tinha em retratar suas memórias; no entanto o mesmo afirma que o presente foi impondo-se na construção do livro, deixando o passado um pouco de lado, em algumas aparições. Dessa forma, podemos destacar a metanarrativa presente no caderno de anotações em forma de confissões do narrador- personagem. Dentro dessa perspectiva, Belmiro já começa a assumir a escrita de um diário no próprio texto diarístico. Abaixo podemos ratificar mais uma vez o narrador aludindo ao fazer da obra:

“Por que um livro?” foi a pergunta que me fez Jandira, a quem, há tempos, comuniquei esse propósito. “Já não há tantos? Por que você quer fazer um livro, Belmiro?” Respondi-lhe que perguntasse a uma gestante por que razão dar à luz a um mortal, havendo tantos. Se tivesse de bom humor, ela responderia que era por estar grávida. Sim, vago leitor sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de trinta e oito anos. E isso é razão suficiente. (ANJOS, 2001, p. 31)

A citação acima destaca a intenção do eu narrador em escrever um livro, porque o mesmo se sente “grávido”, ou seja, sente a necessidade de construir um livro. Este desejo pela escrita é uma reação para livrar-se da sua realidade inerte do seu vazio. Por conta disso, ele descobre na escrita um escape da sua realidade triste. “De agosto a janeiro, quase que escrevo dia a dia. A vida ganhou movimento, colorido, emoção” (ANJOS, 2001, p. 209). Com isso, podemos perceber a importância de escrever para o narrador, uma vez que a vida do Borba ganha sentido com a escrita.

Ao rejeitar a espontaneidade da realidade que lhe jorra sob os olhos como fator da criação literária, ao buscar obsessiva e diuturnamente sentir o modo violento e brutal como a exterioridade do real o traumatiza, violentando-o ao deslocar o eixo da vida do plano real para o plano da realidade simbolicamente estruturada, dos signos da existência para uma grafia-de-vida, o ficcionista Cyro dos Anjos explora de forma oblíqua a maneira como os choques e confrontos com a experiência, o fazem imaginar, refletir e escrever. (SANTIAGO, 2006, p. 17)

Quando Silviano Santiago fala do ficcionista Cyro dos Anjos, o mesmo o coloca na qualidade de narrador, diante disso é possível afirmar que quem está procurando refúgio na escrita em constante briga com a realidade é Belmiro, o narrador da ficção. Este busca na literatura uma fuga da sua realidade e encontra nela sentido para preencher seus dias, dando a dinamicidade que sua vida não tem e manifesta esse desejo na própria obra, utilizando desse modo a metanarrativa; esta faz parte do diário do amanuense.

Uma outra característica do diário que podemos encontrar no caderno de notas de Belmiro seria em relação à finalização desse tipo de gênero, em razão que um diário pode ser finalizado assim que seu autor desejar. Mas pode ser continuado, pois se pode manter esse tipo de caderno da intimidade durante um determinado período da vida, depois encerrar a narração desse período e retomá-la em outro momento da vida. “Pensando bem, é verdade, no diário a ideia de continuação nos protege da ideia de fim...” (LEJEUNE, 2008, p. 274). Isto posto, observemos que a continuação da vida do diarista deixe sempre a expectativa de um novo momento e que os escritos a qualquer momento podem ser retomados. Vejamos o final d’*O amanuense Belmiro*, para comprovar tal afirmação.

Ai de mim! É necessário, porém, fazer qualquer coisa, para empurrar os presumíveis trinta e dois anos que me restam. Trinta e dois anos, sim. Em média, os Borbas vão até aos setenta, mesmo como o coração descompensado. Acho-me pouco além do meio da estrada, e parece-me, entretanto, que cheguei ao fim. Negação de Berlamino, de Porfirio, de Firmino e de Baldomero... Dois deles, chegados aos oitenta, ainda pediam mais dez. Viviam com plenitude os velhos Borbas da linha-tronco. Viviam a vida. Quando um tombava, parecia queda de gameleira ferida pelo raio. Não morriam aos poucos, vendo o corpo consumir-se lentamente.
- Que faremos, Carolino amigo? (ANJOS, 2001, p. 227)

O fragmento é o último do livro e tem por título “Última Página”, já fazendo o anúncio de que terminaria suas anotações íntimas naquele momento. Em suas últimas palavras, Belmiro Borba afirma que sua vida parou, apesar de lhe restarem ainda por volta de trinta e dois anos de existência; ele sente que não tem mais vigor, não há mais nada por viver, diferentemente dos seus antepassados que viviam em pleno gozo da vida. Não obstante, na última frase do romance, ele pergunta ao seu amigo Carolino o que os dois fariam, indagação essa que dá a ideia de que a existência continua e que o encerramento ocorrido foi de fato somente daquele período em que ele resolveu escrever, o que não impede que seja retomada a narração diarística de sua vida nos seus trinta e dois anos restantes.

As afirmações expostas nesse subtítulo deixam transparecer por que Cyro dos Anjos escolhe o diário como estrutura do romance em análise. O autor necessitava de algo de cunho intimista, mas que permitisse também outros formatos, outros elementos, ou seja, ele buscava um modo de desnudar a alma do seu personagem, mas com versatilidade. Sendo assim, o formato diarístico foi de suma importância para a concretização de um romance rico, pois ele não é algo linear, mas habita na

fragmentação, assim como o romance, que sobrevive nas antíteses e paradoxos e no hibridismo. “(...) Eles se caracterizam também por uma grande variação de formas de realização” (MACHADO, 1998, p. 33).

CAPÍTULO II

ABDIAS

2- O complexo diário de Abdias

2.1 – Abdias: uma visão geral

O romance *Abdias*, de Cyro dos Anjos, foi lançado em 1945, oito anos após o primeiro livro do autor, *O amanuense Belmiro*. Naquele momento, o contexto literário brasileiro andava lá pela terceira fase do modernismo, prestes a adentrar na contemporaneidade, quando o modelo imposto em 1930 já não apresentava quase nenhum vigor, visto que a literatura de cunho social e o regionalismo nesse novo momento já não eram vistos com tanto interesse. Com efeito, esse período é marcado pela literatura voltada mais para a interioridade dos personagens e para a organização formal do texto literário, deixando um pouco para trás a preocupação com os problemas nacionais, constituindo assim um novo momento para a literatura brasileira.

Depois de 1940, ou pouco antes, vamos percebendo a constituição de um período novo. Nos dois decênios de 1920 e 1930, assistimos o admirável esforço de construir uma literatura universalmente válida (pela sua participação nos problemas gerais do momento, pela nossa crescente integração nestes problemas) por meio de uma intransigente fidelidade ao local. A partir de 1940, mais ou menos, assistiremos, ao lado disso, a um certo repúdio do local, reputado apenas pitoresco e extraliterário; e um novo anseio generalizador, procurando fazer da expressão literária um problema de inteligência formal e de pesquisa interior. O Modernismo regionalista, folclórico, libertino, populista, se amaina, inclusive nas obras que os seus próceres escrevem agora, —revelando preocupação mais exigente com a forma ou esforço antissectário no conteúdo. (CANDIDO, 2006, p. 133)

Diante dessa afirmação, é possível afirmar que o cenário literário brasileiro do lançamento do segundo romance de Cyro de Anjos é distinto do primeiro, fato esse que corroborou para que *Abdias* fosse recebido sem grande novidade dentro do mesmo. Bastante comparado com *O amanuense Belmiro*, a crítica recebeu esse novo romance com menos simpatia, pois para muitos o mesmo seria uma espécie de segmento da primeira obra do autor. Não obstante, houve também quem considerasse *Abdias* melhor elaborado e mais rico em maturidade; mas no geral não houve tantos holofotes em torno desse romance.

Certos estudos bibliográficos a que dediquei no passado um esforço ingrato, levam-me à conclusão de que o número de críticos do segundo romance, *Abdias*, foi um pouco menor: também parece ter sido menor o entusiasmo. Mas quem relê *Abdias* hoje, não pode deixar de descobrir nele as mesmas qualidades da obra anterior, além do evidente amadurecimento emocional do romancista. Saudara-se no *Amanuense Belmiro* algo de novo e, no entanto, intimamente familiar ao leitor brasileiro. O segundo romance parecia “isto

mesmo, mais uma vez”. Uma continuação, que poderia continuar indefinidamente. Uma crônica da vida, atrás da qual era transparente o fundo autobiográfico. A própria forma, diarística, dos dois romances confirmou essa impressão. (CARPEAUX, 1958)

A partir disso, é imprescindível confirmar que, embora os elogios a esta obra tenham vindo de forma menos calorosa em relação ao romance anterior de Cyro dos Anjos, não se pode negar que *Abdias* foi um livro bem escrito, com linguagem e acabamento perfeito. Também é preciso frisar que a obra tem semelhanças e diferenças com *O amanuense Belmiro* e não consiste em ser apenas uma continuação desse, pois cada obra funciona de forma particular, muito embora o próprio Cyro dos Anjos em entrevista a Afonso Henrique Fávero afirme que seu segundo romance foi construído com o resto do material do primeiro:

Na verdade, o **Abdias** foi feito com as sobras do **Amanuense**. Aquele material não se esgotou no **Amanuense**, e então eu senti necessidade de escrever um outro livro; inconscientemente, tudo isso vem de uma maneira inconsciente; os temas não foram esgotados: o tema das moças em flor, o tema da paixão do homem maduro pela jovem. [...] Alguns acharam que o **Abdias** era uma “sombra pálida do **Amanuense**”; essa é uma expressão de Antonio Candido. Ele dizia que eu não deveria ter escrito o **Abdias**; ele gostava muito do **Amanuense**. Mas já o Carlos Drummond me disse que gostava mais do **Abdias**, achava mais elaborado. (ANJOS *apud* FÁVERO, 1991, p. 149)

Com a citação expressa, podemos ratificar que na elaboração de *Abdias* de fato houve influência do romance, anteriormente escrito por Cyro dos Anjos, permitindo dessa forma comparações entre ambos; todavia é imprescindível afirmar que o mesmo também possui suas particularidades. O romance em ênfase neste capítulo tem como pano de fundo histórico o Estado Novo, o crescimento do nazismo e fascismo e o temor da burguesia ao socialismo. As questões sociais aparecem discretamente dentro da obra, sendo possível constatar tal presença nas menções feitas algumas vezes no romance às diferenças sociais. Não obstante, *Abdias* de modo algum tem como foco principal essa questão, visto que ele possui caráter completamente lírico, concentrando-se apenas no seu narrador.

Abdias narra em um caderno íntimo sobre a vida de um homem burocrático, que é convidado a ministrar aulas em um grande colégio aristocrático. Casado, pai de família, o narrador-personagem inicia a narrativa a partir do momento em que vai viver essa nova experiência como professor. Dentro desse contexto escolar, o professor

apaixonar-se por uma de suas alunas, chamada Gabriela, filha de um antigo amor e a quem o mesmo remete ao mito de Atáide. Abdias é um sujeito que tem vida política, social e amorosa, um típico chefe de família; por conta disso a paixão que Gabriela desperta nele possui certa complexidade.

Através do diário vamos conhecer o cotidiano do professor Abdias. Logo, temos a rotina da sala de aula, as intrigas estudantis, as provas e trabalhos escolares realizados, fatos do dia a dia narrados pelo docente. Assim, nesse mesmo contexto, o leitor vai sabendo como aconteceu a aproximação e paixão do personagem central por sua aluna. Com efeito, a partir do relato dessas informações triviais, vamos conhecendo também os pensamentos do protagonista e o que se passa no seu interior.

Concomitantemente à descrição do seu cotidiano como professor, vamos também conhecer o ambiente de seu lar, com informações acerca do relacionamento com sua esposa, sobre os seus filhos, sobre a gravidez de Carlota, enfim sobre sua vida doméstica, de modo simples e real. É nesse ambiente que Abdias costuma escrever o seu diário, norteando ao leitor – além daquilo que já fora citado sobre os seus defeitos e inseguranças – sua paixão por Gabriela e a estabilidade encontrada no amor de sua mulher

Em um romance de caráter completamente interior, no qual os sentimentos do protagonista da obra são narrados em primeira pessoa, dentro de um diário, Gabriela é quem tem maior destaque na narrativa. E é no projeto diarístico que Abdias irá nos confidenciar essa paixão secreta e o que ela provoca dentro dele, assim como a alternância entre essa paixão e a segurança encontrada no amor de Carlota. Assim, enquanto o professor vai narrando seu cotidiano, o leitor pode tanto conhecer melhor o personagem, como também identificar-se com ele.

O romance “ABDIAS” é narrado na primeira pessoa, sob a forma de um diário íntimo. Assim colocado o leitor no mesmo ângulo de visão do personagem-narrador, a cumplicidade logo se estabelece numa “relação de comovida simpatia semelhante à que se instaura, na vida real, entre um homem que conta as suas aventuras, as suas desilusões ou os seus triunfos e o outro que o escuta”. (MASINA, 1970)

Seguindo essa linha de pensamento, pode-se chegar ao consenso de que o livro *Abdias* tem como base as confissões íntimas de um eu-narrador para o leitor. Com uma linguagem rebuscada voltada para a literatura tradicional, Cyro dos Anjos põe a nu a alma do protagonista da história, deixando à mostra sua culpa, suas dúvidas, seus

desejos ocultos, expondo problemas de um ser humano comum. Por assim dizer, facilmente podemos simpatizar com os seus dilemas ou julgá-lo. O fato é que ele sempre arrancará de nós alguma reação:

O grande mérito do romance de *Cyro dos Anjos* é o de apresentar não um simples boneco ou um vago símbolo, mas um homem de carne e osso, tão vivo e tão presente aos nossos olhos que podemos condená-lo ou perdôá-lo, julgá-lo com simpatia ou desprezá-lo. Mas o seu drama nunca nos será indiferente. (MILLIET, 1945)

Com efeito, nesse romance podemos nos identificar com os problemas de *Abdias*, ainda que suas atitudes possam nos parecer inadequadas ou ainda compreensíveis, mas no geral ele nos chamará a atenção de algum modo. Porquanto o assunto central do livro é o sentimento de homem maduro, casado, por uma adolescente, fato que desperta estranheza em uns e afinidades de outros. Ademais, esse assunto não é algo inerente somente àquele período em que se passa a obra; atualmente também podemos nos deparar com essa situação e a partir disso podemos afirmar que essa obra conseguiu atravessar o tempo por abordar uma temática corriqueira também hoje em dia.

O estilo do romance também parece muito com o estilo de Machado de Assis, pela abordagem psicológica, pelo estilo da escrita. Contudo, depara-se com uma diferença gritante, que seria a forma de abordagem dos temas propostos. Em *Cyro dos Anjos*, um assunto sério e grave é tratado com um toque de poesia; já para Machado essa mesma temática teria uma boa dose de ironia e realismo: “Nas mãos de Machado, *Abdias* seria um monstro: nas de *Cyro dos Anjos* ele é um coitado, com Machado teríamos um cínico, e *Abdias* não passa de uma vítima” (MILLIET, 1945).

Abdias, apesar de não despertar tanto o interesse da crítica e de fato ter muitas semelhanças com o primeiro romance de *Cyro dos Anjos*, não deixou de ser uma grande obra e ter suas especificações. A narrativa possui lirismo em toda a sua extensão, pois sua história é contada por um narrador em primeira pessoa que vai passar para o leitor tudo que há dentro de si, desde os pensamentos mais ingênuos até os mais sombrios, em um diário, suporte para o desnudamento do interior da personagem.

2.2- Diário: narração da intimidade de *Abdias*

A narração em *Abdias*, assim como no primeiro romance do autor mineiro, possui como foco narrativo um narrador-personagem. Vale salientar que este tipo de narrador nos transmite os fatos de um ponto estático, e apenas o seu ponto de vista é apresentado ao leitor. Por conseguinte, no romance *Abdias* temos apenas uma ótica apresentada, a do seu protagonista, pois este, enquanto narrador, norteia-nos sobre os outros personagens e, claro, a respeito de si mesmo.

Em tal caso, a questão do foco narrativo no romance em destaque explica a subjetividade imposta em todo o livro, dado que a cada detalhe relatado na prosa pode-se notar a alma de *Abdias* sinalizada dentro da obra. Este fato ocorre de maneira intensa em *Abdias*, pois o lirismo construído por Cyro dos Anjos nesse romance é de uma profundidade gritante, deixando traços do narrador em toda a extensão do romance.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro e si” da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p. 205)

A partir disso, em um livro no qual a subjetividade é a guia mestra, a marca impressa do ficcionista é algo notadamente imposto na obra. Diante da intensidade do lirismo que o escritor apresentou em *Abdias*, o gênero diarístico funcionou de modo perfeito para o tipo de narração proposta, pois o diário abrange e permite a expressão sincera, possibilitando a apresentação da interioridade de quem o escreve.

Por ser um texto que não se pretende público e, em consequência disso, ostentar um certo desapego em relação a um apuro formal literariamente considerado, a forma narrativa diarística, quando presente no interior de obras de ficção, seja através de discurso intercalado ou como forma predominante de discurso, torna-se responsável por um efeito mais contundente de realidade interior. (BARCELLOS, 2004, p. 114)

Abdias é um livro intimista e complexo, no qual o eu-narrador conta sua história, a partir do momento em que fora contratado para ministrar aulas no Colégio das Ursulinas. Sua entrada no estabelecimento de ensino é o instante inicial do diário desse

romance. Sendo o tempo, como já foi mencionado no capítulo anterior, a base de um diário, no livro em estudo o mesmo é demarcado através do momento em que Abdias adentra a atmosfera estudantil e começa a contar as suas experiências nesse novo ambiente. À medida que o protagonista do romance narra esse novo momento, ele também nos dá a ideia aos poucos da sua vida.

No decorrer das confissões íntimas de Abdias, quando começa a contar sobre seu cotidiano, vamos saber que o narrador do romance é um típico burocrata, casado e com filhos. A complexidade desse enredo ocorre pelo fato de o narrador sentir um amor por uma de suas alunas, o que em si já seria um inconveniente, já que as questões éticas gerariam uma dificuldade. Ademais, Abdias é um homem de quarenta anos e ainda por cima comprometido; todos esses fatores são elementos constituintes para tornar essa paixão perigosa.

Toda essa situação precisa ser mantida em segredo, sendo revelada somente para nós, leitores. Sendo assim, a estrutura ideal, que comporta segredos, cotidianos, psicologia, exposição do interior, ou seja, um bojo de elementos, é o diário, pois o mesmo tem como uma de suas características abranger variadas características de outro gênero, pelo simples fato de permitir fragmentação em sua composição, além de ser uma forma perfeita de revelar os pensamentos mais intrínsecos de um ser.

A prática do diário responde a motivações variadas. Encontramos entre os diaristas a mesma variedade de personalidades que entre os não-diaristas – ainda mais que se diarista por acaso, não por essência, e porque cada um inventa o seu próprio caminho nesse gênero do qual existem talvez modelos, mas nenhuma regra. É claro que os diaristas têm, apesar de tudo, em comum, o gosto pela escrita e a preocupação com o tempo. (LEJEUNE, 2008, p. 258)

De acordo com a citação acima, podemos ratificar que de fato o diário não possui nenhuma regra específica, permitindo assim que o escritor possa vir a ousar, quando opta por esse gênero. Neste caso, Cyro dos Anjos em *Abdias* também utiliza o diário de forma eclética, não se preocupando com modelos. Esta afirmação pode ser confirmada, por exemplo, pela razão de o romance ser datado de forma diferente, pelos fatos serem contados de modo descontinuados. Esta assertiva nos leva a discordar de Vera Márcia Paráboli Milanesi, quando esta afirma:

O início de *Abdias* (“Fevereiro, 1938”) nos lembra um diário, mas, ao prosseguirmos sua leitura, vemos que, além de não haver outra datação, não há, por parte do narrador, preocupação em ordenar logicamente os fatos. Assim, com idas e vindas, o narrador-protagonista nos conta os acontecimentos mais recentes de sua vida. (MILANESI, 1997, p. 37)

A citação supracitada alega que o romance em estudo, apesar de lembrar um diário, não poderia ser considerado um, uma vez que existe somente uma datação e não há também linearidade na narração dos fatos. Todavia, o diário não tem nenhuma regra que impere uma marcação linear de tempo e não impõe que os fatos sejam contados com datação lógica. Ainda que o tempo seja a base desse gênero, o mesmo não possui uma regra específica com relação a isso. Em razão disso, Abdias pode ser considerado um diário, sim, no qual os fatos são contados de modo e com datação irregular, pois o escritor não é obrigado a seguir os modelos tradicionais desse gênero.

Diante disso, o diário de *Abdias* é utilizado pelo personagem com a finalidade de se expressar liricamente. Afinal, o protagonista do romance é tímido e se utiliza desse gênero para expor seus pensamentos, sentimentos e contar suas histórias, como também é através desse caderno de notas íntimas que podemos conhecê-lo mais intensamente.

Dentro dessa perspectiva, o protagonista da ficção promove a narração a partir do momento inicial de sua paixão por Gabriela. Desse modo, o princípio da narrativa já ocorre na atmosfera escolar, e é nesse ambiente que Abdias vai cotidianamente conhecendo e se apaixonando por sua aluna. Esta é quem tem maior destaque no romance, visto que é a partir desse amor proibido que Abdias possibilita uma análise mais intrínseca e psicológica do seu ser, e podemos também conhecer até o pensamento mais íntimo desse personagem, possibilitando, com isso uma análise psicológica.

A paixão de Abdias por Gabriela é um assunto ingrato que Ciro dos Anjos conseguiu levar avante, tratado com uma segurança digna de registro. Quem algum dia fez a tolice imensa de se apaixonar por uma mulher, pode ver neste romance o ridículo todo por que passou, tal a felicidade com que o romancista apreendeu e expôs o fenômeno psicológico. (SILVEIRA, 1945)

Por assim dizer, o amor do professor por uma discente abre um leque de possibilidades para analisarmos a composição da personalidade do narrador e faz também a movimentação de todo romance. Nesse contexto, podemos perceber, por exemplo, a contradição do interior de Abdias, uma vez que ele vive entre o sonho e a realidade, entre a razão e a emoção. Com efeito, a partir de um assunto cotidiano que seria a paixão de um homem maduro casado por uma adolescente, há a possibilidade de uma análise psicológica da personalidade do docente. Podemos verificar esta alegação em:

Carlota era para mim a segurança e o equilíbrio. Gabriela representa a fuga e a ilusão. Procuramos, a um tempo, o real e o irreal, a verdade e a fantasia. Queremos, às vezes, uma coisa, e, simultaneamente, o seu contrário. O erro é supor que um sentimento exclui outro, e que o interesse de nossa vida possa concentrar-se numa só direção. (ANJOS, 2008, p. 200)

Na citação expressa, Abdias revela-se um ser dividido entre seu casamento com Carlota, ou seja, sua realidade, e seu amor idealizado por Gabriela, um sonho, deixando-nos constatar a contradição, compositora do seu ser. Desse modo, podemos notar que o protagonista da narrativa revela no diário todos os seus pensamentos e o contraste da humanidade de Abdias, que permeia entre o bem e o mal, pois esse gênero consegue abranger o homem em diversos aspectos, assim como pode revelar a contradição existente na alma humana.

Nada de dramatizações. Quero ser de uma sinceridade total. Não me julgo um monstro. Vou mesmo além. Acredito que todos os homens são mais ou menos assim e que a alma humana é um campo de batalha, um mar de contradições. Que nos condenem pelos atos, se por algo devemos ser condenados, e não pelos pensamentos. Aqueles, afinal, podem representar o fruto amadurecido de uma longa gestação de espírito, ao passo que estes muitas vezes não são mais que o lodo da alma revolta. (ANJOS, 2008, p. 101)

Neste trecho, o narrador confirma a crença na contradição humana, tanto ao afirmar isso, como também quando nos fala que nossos atos e pensamentos podem ter caráter completamente distinto; dessa forma, a interioridade dividida é um dos aspectos psicológicos abordados no romance. Observando ainda o referencial psicológico que pode ser extraído dessa obra, é possível percebermos ainda a existência da auto-análise, na qual o narrador registra e pondera em seu diário suas atitudes. Confirmemos isso no trecho que segue abaixo:

Mas, analisando, de modo especial, o fato de haver eu deixado de relatar, ontem, o encontro com Gabriela e procurado salientar a conversação com seu pai, bem percebo que assim agi para tirar toda a importância daquele acontecimento. Como o encontro houvesse dado azo a uma de minhas recaídas, conforme contei páginas atrás, vinguei-me inconscientemente, como uma pirraça, pondo-a em segundo plano. (ANJOS, 2008, p. 168)

O trecho extraído acima nos comprova que Abdias possui o hábito de analisar suas ações. Assim, o mesmo fala que priorizou a conversação com o pai de Gabriela nos seus escritos, a fim de suprimir a importância do encontro com ela; então, por vingança, ele coloca isso em segundo plano. Porém, o personagem reconhece o fato como uma

estratégia sua para minimizar o valor que Gabriela tem em sua vida, validando, com isso, a auto-análise presente na obra.

Em vista disso, outro ponto passível de ser colocado em relevo é a mania do protagonista em tentar reprimir a todo instante seus desejos, pois ele vive em um dilema em suprimir da sua vida o amor idealizado por Gabriela. Assim, Abdias vive a se condenar, esconder; por assim dizer, não vive em paz consigo mesmo. Destarte está em constante luta com seus dois “eus”, habitantes de sua alma, um que tenta sair das rédeas e enxergar a possibilidade de viver esse amor, e um outro que o leva ao bom senso, conscientizando-o a voltar à razão e mostrando a impossibilidade de realização do mesmo.

O espírito de exatidão do nosso autor manifesta-se, vantajosamente na hesitação do personagem principal. Pontual lucidez lhe polia as expansões sentimentais. Abdias não se perdoa, sempre se critica. Daí o desdobramento do personagem em dois-tipos. Um que está a dissecar atos e palavras do outro. (MATA, 1945)

Por conseguinte, o narrador sempre expõe no romance a luta entre esses dois “eus”: o almeiante de viver a paixão por Gabriela e o outro conhecedor da impossibilidade, e de suas responsabilidades com esposa, filhos e sociedade. Desta maneira, quando o primeiro ganha saliência, logo o último aparece para lembrá-lo do perigo. Esta briga está sempre impressa na obra por Cyro dos Anjos e pode ser percebida a cada gesto do personagem, pensamento ou ação com relação à sua vida amorosa. Verifiquemos esta afirmativa em:

Tudo isso, dizia eu, me vinha ontem à cabeça, nela incutindo infundados temores. Várias vezes, ao encontrar-me só no meu gabinete do Arquivo Histórico, tomei o receptor do telefone e comeci a girar o disco mágico, que poderia dar-me a cristalina voz de Gabriela. Antes, porém, de se consumir a ligação, eu desligava o aparelho, nervoso, trêmulo, agitado. Quando conseguia vencer, pelo raciocínio, o receio de que a família soubesse do meu segredo e meu telefonema pudesse chocá-la, o dragão amarelo do ridículo inibia-me com seu riso escancarado: “Que lhes vai dizer, idiota? Não achas que tua assiduidade já deve parecer enfadonha a essa moça? Ou quem sabe pretendes fazer uma declaração de amor? Isso nem mesmo ofenderia a família, que te julgaria louco. Apenas se descartariam de ti, como de um importuno. Que humilhação, hein, professor?” (ANJOS, 2008, p. 83)

Ainda nesse mesmo contexto amoroso do narrador, há a possibilidade de identificarmos o fundo dramático existente no romance, posto que a simples paixão de um homem maduro por uma adolescente, fato corriqueiro em alguma fase na vida da maioria dos homens, vai tomar proporções drásticas no interior de Abdias. Um episódio

comprobatório dessa afirmação seria o fato de o narrador desejar a morte de sua esposa, como solução para efetivar sua paixão por Gabriela.

Como bolhas de ar que sobem, incessantemente, à superfície de um líquido em ebulição, assim me vinham estas ideias, numa corrente contínua, à tona do espírito agitado: “Gabriela gosta de mim – Carlota vai morrer e caso-me com Gabriela – É uma baixeza fazer cálculos com a morte de Carlota – Sem dúvida tenho amizade a Carlota – Quem sabe também amo Carlota? – Mas Gabriela é meu destino – Nada se pode contra o Destino – A morte de Carlota está determinada pelo destino, para que eu me case com Gabriela – Gabriela me ama, do contrário não teria falado daquele modo – Carlota vai morrer – Quem tem insuficiência mitral pode morrer de uma hora para outra – Sou um miserável – Principalmente estando grávida...” (ANJOS, 2008, p. 100)

Diante dessa citação, fica evidente a perda de todo bom senso de Abdias e a complexidade com que Cyro conduziu toda essa situação. Verificamos por um instante o professor com ideias macabras, a respeito de sua esposa, todavia sabemos que o narrador tem uma alma nobre e nem de longe é descrito como uma pessoa má. Pois, apesar de ter esse tipo de pensamento, logo ele volta atrás, critica sua atitude, reconhecendo o equívoco, e tenta deter essa ideia, numa espécie de luta entre a dualidade existente do seu ser.

Minha boa companheira.... Com que ar compungido, com que acento hipócrita digo isto! Carlota não é apenas boa companheira: é a melhor e mais digna de todas elas; mas pode proclamá-lo quem está fazendo de sua morte objeto de transação? Serei um monstro de lucidez e egoísmo, inteiramente destituído de sensibilidade? Sou um monstro, sim uma aberração. Esperem, não devo escrever tudo que me vem à cabeça. Às vezes representamos como atores, perante nós próprios, e mesmo aquilo que brota espontaneamente do coração costuma não ser sincero. Os sentimentos usam máscaras até em sua câmara íntima. (ANJOS, 2008. p. 100-101)

Contudo, apesar do arrependimento do protagonista da história, o mesmo é punido com a morte de sua esposa, ratificando a complexidade presente na obra de Cyro dos Anjos. Assim sendo, mesmo que por um instante Abdias tenha confessado em seu diário o desejo da morte de Carlota a fim de ficar livre para Gabriela, quando o ato é concretizado, ele fica completamente desolado, entrando em uma profunda depressão, pois ele finalmente reconhece a importância de Carlota, cuja morte traz o vazio para sua vida. Desse modo:

O autor implícito de Abdias também providenciou ao seu protagonista o castigo “merecido”: já que se tinha rebelado contra seu casamento, imputou-lhe a pena de morte (ironicamente, prevista pela constituição de 37). Só que a morte que lhe foi imposta foi a mais dolorosa possível, a de um ente querido, o que lhe tira a força, ao lançá-lo num emaranhado de remorso e tristeza. O

aspecto mais amargo de sua punição é justamente o fato de o professor só poder valorizar seu sentimento com relação à esposa após perdê-la. (MILANESI, 1997, p. 91)

Como podemos observar a partir da citação acima, pode-se comprovar que o professor foi castigado, talvez não merecidamente, visto que a pena lhe saiu muita alta. Todavia, existe a possibilidade do “castigo” de Abdias funcionar como pano de fundo para pôr a nu a dualidade presente no interior da personagem. Embora a paixão de Abdias por Gabriela fosse uma realidade, ainda assim a morte de Carlota veio como uma tragédia na vida do narrador, como veio também a descoberta da felicidade que ela lhe proporcionava.

Carlota, a vida é um tecido de equívocos. Foi preciso que morresse para eu saber que te amava e que éramos felizes, na monotonia dos nossos dias. Nessa monotonia, formada de coisas simples e permanentes, encobria-se a felicidade.

A sede das coisas novas leva-nos a desconhecer nosso próprio bem. Fugindo ao que me parecia medíocre, perdi-me num mundo de aparências enganosas. Agora, a solidão fez de mim sua presa. Que terrível e opressiva solidão, Carlota! Ao entrar no quarto deserto, tento iludir-me, imaginando que te vou encontrar e que sendo a vida um sonho, tua morte foi um sonho dentro de um sonho. Na verdade, depois que a morte confiscou sua presença física, existes mais viva aos meus olhos. Iluminados por uma lua nova. Antigamente, estavas comigo e, contudo, vendo-te não te via. Agora te encontro por toda parte, descubro-te em todas as coisas, sei a cor dos seus cabelos, o modelo do teu rosto, sinto a pressão carinhosa dos teus braços que me envolviam na obscuridade. (ANJOS, 2008, p. 179)

O trecho extraído do romance nos confirma o sofrimento de Abdias com a morte de sua esposa. Com efeito, é possível analisarmos a confusão existente na alma do professor, posto que, apesar de estar apaixonado por Gabriela, em momento algum a morte de Carlota é apresentada como alívio ou sensação de liberdade em sua vida. Pelo contrário, através desse acontecimento pode-se perceber que sua esposa também era amada pelo narrador, e o sentimento nutrido por sua aluna não excluía a possibilidade de amar Carlota. Com isso, percebemos o embaraço sentimental do personagem, acarretando a alusão à ideia do contraste, sempre presente na obra. Verifiquemos isso em:

Nesses passeios, lembrei-me frequentemente de Gabriela, mas desejei-a, então, como uma companheira amável, cuja presença não excluía necessariamente a de Carlota e dos meninos. Sonhava incorporá-la ao clã Abdias, na qualidade de amiga, dessas doces amigas que amaríamos se possível, mas que se acham protegida contra nossos desejos pelos tabus que a amizade gera, e que, de consistência tão frágil, nos barram, todavia, como intransponível muralha.

Se Carlota aceitasse compreensivamente e se Gabriela quisesse conceder-me, eu me teria sentido completamente feliz, naquelas ocasiões, pois nada mais me faltava. (ANJOS, 2008, p. 175-176)

A citação acima nos permite observar que Abdias tinha sentimentos tanto por Carlota quanto por Gabriela, e somente a presença de ambas o completava. O diário de Abdias é bem complexo, uma vez que as anotações feitas nessa caderneta é algo puramente humano. Os segredos, pensamentos malévolos, narração cotidiana, auto-análise e metanarrativa foram alguns elementos presentes nessa obra. Com efeito, podemos observar que Abdias escreve esse diário no período em que ele atua como professor, quando acontece sua paixão por sua aluna, e encerra o romance lembrando-se de Carlota.

As instâncias suas, tive de ficar para o jantar. Achava-se sozinho, havendo Glória e Gabriela ido a um casamento.
Depois do jantar, fizemos um pouco de música, como noutros tempos. Meu amigo quis experimentar uma gravação nova que recebera, da Nova Sinfonia. Que exaltação mística essa música me traz!
De uma vez que ouvimos juntos, Carlota me disse que o coro, no último movimento, lhe dava a impressão de estar sendo transportada, pela nave de uma catedral imensa, cujas torres tocassem o céu... (ANJOS, 2008, p. 218)

O trecho final de *Abdias* é narrado quando o professor está na casa de Gabriela na companhia do seu amigo, pai da jovem. Nesse momento os dois jantam e ouvem música. Assim encerra-se o diário de Abdias, com o protagonista dando sempre a entender que a vida continua, mesmo após o término desses escritos. É como se, ao findar essa narração, em qualquer outro momento da vida, o professor poderia retomar seus escritos íntimos. Notemos também que o romance é encerrado na casa de Gabriela e com o pensamento em Carlota.

Comprovamos, a partir disso, as antíteses e paradoxos apresentados de forma marcante na narrativa. Em *Abdias*, Cyro dos Anjos traz à luz, através da narração cotidiana de um professor, a natureza humana com todos os seus contrastes, defeitos e limitações. Em um caderno de notas íntimas, expressão de um lirismo desmedido, um professor vem nos contar suas histórias e exprimir seus sentimentos e pensamentos mais humanos. Assim nos permite conhecer sua personalidade e, por assim proceder, escolhe o gênero diarístico, sugestor de intimidade, do mesmo modo que ocorreu em *O amanuense Belmiro*.

2.3 – *Abdias* e *O amanuense Belmiro*: a narração diarística

O amanuense Belmiro e *Abdias* são narrativas formatadas em diário, com narração em primeira pessoa. Ademais dessa similitude temos também dois narradores-personagens, líricos, literatos e servidores públicos, que em seus respectivos cadernos íntimos narram os seus cotidianos, expõe suas intimidades, apresentam os outros personagens e nos contam suas histórias. Tais características em comum entre as duas obras ocasionaram comparações e especulações sobre uma possível repetição de conteúdo.

As comparações entre o primeiro romance publicado por Cyro dos Anjos e o seu segundo romance tornaram-se uma realidade muito salientada pela crítica. Assim, para alguns, *Abdias* foi uma continuação d'*O amanuense Belmiro*; já para outros ele foi uma obra mais amadurecida; mas foi unânime a conclusão do parentesco entre as duas obras do autor. Não obstante, é imprescindível ressaltar que assim como existem semelhanças, os romances também apresentam distinções entre si, pois cada romance tem suas peculiaridades, funcionando como entidades individuais. Dessa forma:

Quando nos aproximamos da composição romanesca do sr. Cyro dos Anjos, identificamos logo uma profunda coerência, como que ligando ou comprometendo os três romances entre si. Este fato, entretanto, não significa, de modo algum, que qualquer desses romances - como já se disse de *Abdias* em relação a *O Amanuense Belmiro* - venha a ser uma continuação ou um prolongamento do anterior. Isto no sentido de que nesse prolongamento ou nessa continuação, nenhuma novidade exista, mas apenas subserviência ao modelo anterior. Não, os três romances do Sr. Cyro dos Anjos são três entidades autônomas. (PORTELA, 1958)

A partir disso, devemos concluir que entre *Abdias* e *O amanuense Belmiro* existe uma coerência intensa, ligando os dois romances; porém não significa submissão ou dependência de um pelo outro, ou que o primeiro seja a continuação do segundo. Com base nessa afirmação, este item visa destacar e/ou salientar as comparações entre essas duas obras, a fim de delimitarmos as particularidades que *Abdias* contém em relação a *O amanuense Belmiro*. Para tanto, colocaremos em relevo as similitudes e diferenças entre ambos.

O primeiro parentesco entre os dois primeiros romances de Cyro dos Anjos a ser ressaltado diz respeito à composição da personalidade dos protagonistas. Visto que

Abdias e Belmiro têm em comum a contradição presente na identidade de ambos. Desse modo, eles sempre permeiam nas antíteses como, por exemplo, a razão e emoção, comprovando a fragmentação compositora do ser de ambos. Dessa maneira, os dois personagens são compostos baseados na contradição da constituição do homem. Em *Abdias* essa divisão é apresentada de forma bastante recorrente:

No decorrer do romance o personagem esmiúça todas as possibilidades de integração desses dois elementos constitutivos da natureza humana – o sentimento e a razão – estabelecendo-se na estrutura da obra uma verdadeira superposição de círculos concêntricos formados de fatos e da análise bipartida desses fatos através do seu confronto com os sentimentos. (MASINA, 1970)

Observando ainda a questão do perfil dos protagonistas, o da primeira obra vive em uma inércia angustiante; já o da segunda tem mais atitude. Prova disso é que Abdias chega a se declarar para sua paixão, enquanto Belmiro não tem coragem para tomar qualquer atitude parecida. Além do mais, podemos destacar a ingenuidade do amanuense, enquanto que o professor dispõe de atitudes mais parecidas com a de um homem comum, haja vista ele possuir condutas louváveis e condenáveis. Em contrapartida, Belmiro é mais puro e um sujeito mais difícil de ser encontrado.

Abdias não é um “personagem do romance”: é o sujeito mais “possível” que se possa imaginar. Vivinho, de carne e osso. Tão vivo que a gente vai encontrá-la na primeira esquina. Meio sonhador, meio filósofo, com aquela adorável timidez, aquela mania que ele mesmo chama diabólica de analisar suas fraquezas e criticar os seus ridículos. (ALMEIDA, 1945)

Outra semelhança marcante entre as duas obras seria no tocante à estruturação, posto que *O amanuense Belmiro* e *Abdias* utilizam praticamente a mesma formatação. Os dois são compostos em primeira pessoa e têm como gênero o diário como já fora dito; mas diferem na elaboração, pois o último é composto de três capítulos, enquanto o primeiro tem formato segmentado. Com efeito, o lirismo apresenta-se nas duas obras, e no centro delas estão os personagens Belmiro e Abdias, respectivamente. E é através da narração cotidiana da vida desses dois protagonistas que as duas obras concretizam-se, mas isso ocorre a partir de uma roupagem versátil.

Ciro dos Anjos – aliás, como Machado de Assis, (de quem é sempre forçoso aproximá-lo) – sabe como poucos tirar partido dos acontecimentos que, amiudadamente, estão acontecendo. Já em “O Amanuense Belmiro” ele nos dava o retrato fiel de um grupo e de fatos banais e corriqueiros nele acontecidos e conseguiu extrair um bom romance. Agora, com “Abdias” volta o romancista a insistir no mesmo tema, ou melhor: na fixação do cotidiano “universal”. Realmente, o último romance de Ciro tem um tema

corriqueiro que na mão de muitos seria um assunto quase que previamente fracassado (no sentido de queda do dramalhão). O romancista mineiro, entretanto, consegue manter o equilíbrio necessário à seriedade da intriga até o final. (SILVEIRA, 1945)

A partir da afirmação acima, constata-se a temática cotidiana demarcada nos dois romances, estes trabalhados por Cyro dos Anjos de forma magistral. Em *O amanuense Belmiro* a intriga é composta com Belmiro no centro, mas ambientado em uma roda de amigos, na sua casa, com suas irmãs. No segundo livro do autor, o ambiente é o colégio das Ursulinas e sua residência. Sendo assim, nos dois há a similitude de que os fatos ocorrem na narração do dia a dia dos personagens centrais. Esses elementos cotidianos são o palco das histórias narradas na simplicidade de suas rotinas.

Os dois romances também possuem em seus respectivos bojos o tema das moças em flor. Quanto ao amanuense, temos como protagonista um homem maduro apaixonado por uma jovem rica, no qual o amor idealizado é a sustentação dessa trama. Do mesmo modo, Abdias é um professor mais velho, apaixonado por uma aluna adolescente e rica. Entretanto, a diferenciação dá-se porque o protagonista do segundo livro, além de ser um homem mais velho e apaixonado por uma jovem, é casado e tem filhos, tornando essa questão mais delicada. Já Belmiro é maduro, mas é um solteirão, encontrando barreiras mais simples na realização do seu amor, embora não haja nem sinal da concretização do mesmo.

A coerência entre os dois livros do autor em estudo, também se faz presente em relação ao modo da escrita, porquanto nos romances os narradores costumam dirigir-se ao leitor em cumplicidade. Em *O amanuense Belmiro* este ato é recorrente; já em *Abdias* aparece de modo mais discreto, quando o narrador pressupõe suas confissões íntimas sendo conhecidas pelo público leitor. Vejamos um trecho do segundo romance, que demonstra essa afirmação:

Bem sei que não sou um monstro. Talvez tenha querido passar como tal, apenas para excitar a piedade de alguém em cujas mãos possam estas páginas cair algum dia. É muito conhecido este processo de captarmos a benevolência alheia com a confissão nua de nossas misérias. (ANJOS, 2008, p. 101)

A alusão ao leitor aparece de forma mais camuflada, como mostra a parte extraída do romance acima. Quando o narrador fala das páginas que podem chegar às mãos de alguém, ele está fazendo uma referência ao leitor. Ainda dentro dessa

perspectiva da escrita, n’*O amanuense Belmiro*, a metanarrativa é muito mais intensa e ocorre de forma mais clara quando o escritor explana no texto o intento de fazer um livro de memórias, mas acaba compondo um diário. Em *Abdias*, a metanarrativa aparece mais nitidamente no momento em que o narrador nos confidencia não saber o gênero para classificar a obra. “(...) era escrito em segredo e escondido nas botas. É pena que eu não tenha botas e que, no caso, não se trate de diário. Um dia talvez classifique essas notas, segundo o gênero e a espécie, como convém a um professor de literatura, mas no momento eu não saberia fazê-lo” (ANJOS, 2008, p. 20).

Na citação acima, o narrador fala da criação do romance dentro do próprio romance. Nesse mesmo contexto, pode-se notar também a menção que os dois protagonistas fazem à literatura, ou melhor, à importância dela. Na primeira obra publicada, Belmiro fala da importância de escrever e ler para viver. Desse mesmo modo, Abdias também procede: “Para os seres da nossa espécie, ler ou escrever é mais importante que viver. Substituímos monstruosamente a vida pela ficção” (ANJOS, 2008, p. 37).

Saindo do horizonte da escrita e adentrando na composição das personagens em si, chegamos ao consenso de que os mesmos se parecem, ao passo que se distinguem. A explicação para tal afirmação está em termos duas pessoas extremamente líricas, mas esse lirismo acaba funcionando de maneira distinta. Enquanto Abdias é composto apenas do seu eu e voltado para dramatização, Belmiro é a reunião de todos seus amigos juntos e volta-se mais para poesia: “É justamente porque o primeiro livro tende para poesia que ele se ritma por meio de festas e acontecimentos coletivos. O segundo se ritma com o destino de uma pessoa porque tende ao drama” (BASTIDE, 1945).

Sendo assim, temos dois personagens constituídos pela interioridade do mesmo modo, porém com resultados diferentes. Outro ponto em comum entre as duas obras seria a menção ao mito, já que as duas personagens relacionam seus amores à mitologia. Belmiro vincula Carmélia ao mito de Arabela e tem vários devaneios. Já o professor faz a relação de Gabriela com o mito de Violante Ataíde, criatura romanesca que desafiava o poder do rei, assim como a aluna desafiava-o, enquanto professor, autoridade máxima de uma sala de aula. Contudo, a distinção desse ponto em comum está no método de utilização dos mitos, pois no primeiro romance ele é mais acentuado.

Ainda no cenário das identidades dos protagonistas, percebemos que os dois são mineiros e que migraram do campo para a cidade. Notamos no primeiro que a personalidade de Belmiro lida com as memórias de sua vida no campo intensamente, a ponto de inicialmente haver uma dúvida entre a construção de um livro de memórias ou um diário. Em *Abdias*, as memórias rurais aparecem raramente aqui ou ali, pois a intenção do autor parece ser trabalhar a interioridade de um eu, ainda de modo mais profundo em seu segundo romance.

Nessa mesma perspectiva, podemos fazer uma síntese da composição dos personagens centrais. No amanuense temos um personagem lírico, sensível, tímido, solteiro, burocrata, que não consegue tomar qualquer atitude, visando uma mudança de sua vida pacata. Na outra obra de Cyro dos Anjos temos um homem lírico, tímido, sensível, burocrata, professor, casado, que chega a tomar atitudes para sair da inércia, ainda que sempre ameace recuar depois. Por essas características similares na composição de Belmiro e Abdias, é possível verificarmos traços do próprio escritor presentes nas duas narrativas.

“Abdias”, como “O Amanuense Belmiro”, dá margem a que Cyro dos Anjos deixe, nas páginas do diário do personagem central, muito das suas preferências estéticas. Temos nesse escritor virtudes que se conciliam, embora divergentes. (...) Em “Abdias”, como já se revelara em “O Amanuense Belmiro”, afirma-se, antes de mais nada, o artista. (GUIMARAENS FILHO, 1945)

A citação acima nos permite observar que o autor dos dois romances imprime neles muitas das suas características peculiares. Uma das mais notáveis é o uso do gênero em diário, com a finalidade de desenvolver o lírico em suas criações, fato possível de perceber por termos duas narrativas completamente voltadas para subjetividade e interioridade dos personagens centrais. Esse fator é observado quando encontramos dois romances voltados para os escritos íntimos, através da narração do dia a dia dos protagonistas, mas com a aparição da alma dos mesmos impressa marcadamente nos dois livros, principalmente nos seus monólogos interiores.

Por assim dizer, a coerência existente entre *Abdias* e *O amanuense Belmiro* seria o gosto de Cyro dos Anjos demarcado em suas obras, gosto esse voltado para o lirismo e para vida. Ao utilizar a forma diarística na composição das suas ficções, percebemos que o autor faz a retirada de sua própria biografia para a ficção de forma autêntica em ambas as obras. Isso porque a representação dessa vida acontece por

completo com a demonstração do exterior e do interior, ou seja, em todas as vertentes humanas; e o diário é um artefato utilizado por Cyro de modo a permitir essa exposição completa do eu.

Contudo, mesmo possuindo a mesma perspectiva, a descrição da vida em seus diversos aspectos e utilizando o diário como ponto de convergência em sua formatação, os dois romances distinguem-se em alguns aspectos. Desse modo, o segundo romance não deve ser encarado como continuação do primeiro, pois existem diferenças que o particularizam, tornando-o assim uma entidade livre, mesmo que haja um parentesco entre as duas obras. Essas características do escritor vão sempre aparecer de maneira mais saliente ou discreta em todos os seus romances. A prova disso é podermos encontrá-las em *Montanha*, terceiro romance do autor, e o que mais diverge entre todos.

CAPÍTULO III

MONTANHA

3- *Montanha*: o diário como retorno do lirismo

3.1 Situando *Montanha*

Montanha, terceiro e último romance de Cyro dos Anjos, foi lançado em 1956 com uma perspectiva *a priori* diferente daqueles seus dois primeiros. A distinção desta obra em relação às outras pode ser percebida pela mudança de focalização, já que, se n’*O amanuense Belmiro* e em *Abdias* temos uma exclusividade sentimental, pois os mesmos voltam-se para interioridade dos personagens centrais, o terceiro romance retrata a vida política de um país ficcional, trazendo algo de cunho mais objetivo, pelo menos em boa parte de sua extensão. “*Montanha* é considerado, pois, pela maior parte da crítica, como um romance que se opõe aos dois primeiros, por se ater mais à explanação da realidade política a que se refere do que à análise interior dos seus personagens” (MILANESI, 1997, p. 30).

Por essa mudança de ângulo em linhas gerais, *Montanha* foi recebido pela crítica literária brasileira com grande estranhamento. As semelhanças entre si dos dois primeiros romances de Cyro dos Anjos contribuíram para que houvesse certo desconforto na recepção deste último livro. Isso se deve ao fato de que, quando a expectativa estava no aparecimento de mais uma prosa inteiramente lírica, o escritor mineiro apresenta um romance diferente, narrado em terceira pessoa e com foco em vários personagens. “A crítica salientou muito isso. Que eu saí do meu caminho pra tentar um outro gênero. É que na ocasião eu tinha uma experiência política, que achei que era material de romance” (ANJOS *apud* FÁVERO, 1991, p. 160).

O contexto geral do surgimento de *Montanha* deu-se em meio a transformações sociais e políticas, no período pós Vargas, com crise política no país. Já no campo da literatura, estávamos na terceira fase do modernismo, adentrando na pós-modernidade e com diferentes tipos de prosa. Contudo, é importante salientar que, mesmo tendo as obras de Cyro dos Anjos surgido nesse contexto modernista, ao menos os dois primeiros romances se mostraram com relativa independência desse movimento, deixando ver vínculos mais evidentes com uma prosa de cunho tradicional. Quanto a *Montanha*, o autor do livro recebeu influência do escritor norte-americano John Dos Passos, fazendo

assim com que o último romance de Cyro dos Anjos seja o mais próximo da contemporaneidade.

A prosa de *Montanha* busca retratar o panorama político brasileiro do período em que se passa o romance, mas acaba por manter relações também com a nossa realidade atual e ainda com outros períodos da política brasileira. O literato de Montes Claros tem essa característica de ultrapassar o tempo; tanto é que, mesmo com a leitura dessa obra nos dias de hoje, podemos nos identificar com seus personagens; e na realidade não só personagens da política, mas também na semelhança da essência humana em si, do mesmo modo como ocorreu com a descrição do cotidiano de Belmiro e Abdias.

Isto, porém, não invalida a afirmativa, e referimo-nos ao caso particular de *Montanha*, de que é um romance realizado de uma realidade que é nossa, entrelaçando a nossa, que estamos vivendo hoje, agora, e que ele soube apreender com força, não de um contemplativo apenas. (PORTELA, 1958)

O enredo de *Montanha* tem como um dos focos principais o mundo político. Dessa maneira, temos neste livro abordagens políticas como questão de voto, eleição, tramas, mentiras, luta pelo poder, fatos frequentes na política brasileira de ontem e de hoje. Um dos personagens com maior ênfase no romance é o político Pedro Gabriel, um retrato fiel da maioria dos homens públicos existentes no Brasil: “(...) Pedro Gabriel é o político que surpreendemos ontem no comício, com que cruzamos hoje nas escadarias do Congresso com que acabamos de colidir no gabinete do senhor ministro” (PORTELA, 1958). O texto citado, apesar de ter sido escrito em 1958, serve para nossa atualidade, porquanto a caracterização de Pedro Gabriel ainda representa o político de agora da sociedade brasileira.

A política brasileira seria o enredo base da terceira obra de Cyro dos Anjos, ainda que outras questões nela apareçam. Por retratar de modo fiel as características dos nossos políticos, mais especificamente os mineiros, especulou-se muito sobre uma possível biografia presente do livro. Contudo, o que houve de fato foi a maneira de o escritor apresentar a realidade da política daquele período com tamanha fidelidade, a ponto de causar essa dúvida entre o ficcional e real. Alguns leitores do momento da publicação do romance podem atestar as semelhanças:

O seu último romance, *Montanha*, é memória e perfil. Algo de Proust? Algo de inédito? Voltou-se para dentro de Minas Gerais, e foi remexer na política, sacolejou o matolão da vida feminina, nas trouxas de roupa suja do

partidarismo. Com esse material, escolheu os tipos que, por coincidência (e que coincidência) parecem muito com pessoas reais que a gente conhece ou conheceu. Há passagens que são verdadeiros retratos, fenômenos biográficos. (PINTO, 1957)

A citação deixa transparecer a polêmica que *Montanha* causou por apresentar tão bem a vida política. Nessa situação é que parece óbvia em *Montanha* a existência de uma abordagem política, não obstante o romance não se limita ao mundo político, pois esse universo funciona como a sustentação para o escritor colocar em pauta a natureza humana. Tal afirmativa pode ser ratificada principalmente pela aparição de uma personagem importante como Ana Maria, figura contrastante em face dos outros personagens relacionados à política.

A personagem mencionada foi amante de Pedro Gabriel. Este, apesar de gostar de Ana Maria, por causa da política não assume o relacionamento. Naná, sua alcunha, é descrita no romance como uma mulher de personalidade, que não gosta de hipocrisia e não se importa com convenções sociais, logo não condiz com o universo em que Pedro e os outros personagens estão inseridos. Dito isso, pode-se afirmar que Ana Maria seria o contraste de tudo e de todos os demais presentes na obra, assim como a representação nela de um lado mais sensível e mais humano. Vejamos um trecho que assegura tais alegações:

De novo se vinca a fronte: “Que pretenderá no Rio? Há um ano, eu poderia imaginar que viesse por minha causa. Abalou-a, de fato, minha mudança. Agora, pss... Há na sua cabecinha coisas que não posso atinar... Decerto, magoei-a. Mas era maluquice querer vir comigo, depois do que aconteceu! Isto só seria possível mais tarde, com a situação menos tensa. Fui brutal, não havia outro jeito”. Mulherzinha de topete! Como se recusara ulteriormente, a aceitar explicação... Mais trabalho dera-lhe em um mês, que as oposições Coligadas num ano. (ANJOS, 2013, p. 15)

Na passagem acima, Pedro Gabriel fala sobre seu romance com Ana Maria, norteador ao leitor a respeito da personalidade da mesma, permitindo a verificação de que esta personagem é o oposto dos outros narrados na obra. A partir dessa personagem, pode-se perceber que Cyro dos Anjos talvez tenha tido em mente trabalhar o humano, na descrição do homem político, já que insere no romance alguém que se opõe completamente à política e concede um espaço grande para esta oposição, descartando a possibilidade de afirmação de *Montanha* ser um livro voltada apenas para a descrição da vida política.

Nesta situação, existe a possibilidade de se chegar à conclusão de que em *Montanha* temos dois mundos distintos contrapostos no romance, a saber: um abrangente da vida política, voltado mais para a realidade exterior e para um lado humano mais sombrio, representado pelos personagens políticos, e outro para a realidade interior, ressaltando um lado melhor da humanidade, tendo como representante Ana Maria. Isso também vai ocorrer na própria escolha da questão formal da obra, já que há uma intercalada entre a narração em terceira pessoa e a narração em primeira, bem como diversos tipos de linguagens, tal como a emotiva e a referencial, por exemplo.

Assim como *Montanha* se distinguiu dos outros romances por seu foco narrativo, sua linguagem, também se apresenta mais diversificada que a dos demais. Temos, em *Montanha*, os mais diferentes tipos de discurso: o emotivo, o dialógico, o referencial, o metalingüístico e até o poético, que se imiscui no primeiro. (MILANESI, 1997, p. 50)

Esta mudança de perspectiva acontece no plano do conteúdo, porquanto há uma alternância entre a temática essencialmente política e a parte mais poética voltada para a representação da subjetividade de Ana Maria. O fato de *Montanha* conter esse apanhado político acabou por prejudicar sua recepção nos meios literários. A prova disso é a obra ter sido recebida no universo político com mais entusiasmo que no campo da literatura. Desse modo, o que parece ter ocorrido foi a falta de entendimento da proposta do autor, ocasionando uma certa limitação de visão, fazendo crer que a obra seria apenas uma espécie de sátira política.

Vemos, portanto, que é inegável a presença de uma grande quantidade de assunto voltada para o mundo da politicagem; contudo não se pode ocultar a qualidade literária exibida no livro, principalmente, mas não exclusivamente, na parte concernente à personagem de Ana Maria. Essas duas vertentes no romance aparentam ser uma tentativa do autor mineiro em colocar a humanidade em evidência com o teor da ficção política. Isto porque não há melhor modo de se fazer a exposição da pior faceta humana do que o meio político, e, ao lado disso, mostrar que o ser humano não tem apenas o lado sombrio. Daí a exposição da alma de Naná, algo totalmente preocupado com uma humanidade profunda, sensível e poética. Só que esta mescla dentro do texto causou um certo estranhamento. Confirmemos isto em:

Por que notamos tal contraste entre o “tratamento” dado a Ana Maria e o que serviu a Ciro dos Anjos para erguer diante de nós as restantes figuras de *Montanha*? Porque ela não está no mesmo “tom”. Qual “tom” está certo?

Ambos – mas a dissonância resultante de serem postos lado a lado no mesmo plano de aparência faz-nos sentir que onde está um não devia estar o outro. Lei não escrita do romance – mas lei (...) *Montanha* é um romance satírico, malgrado a sua objetividade – exceto num plano: o de Ana Maria.

Os seus políticos surgem num plano de superfície que faz um contraste chocante com a análise em profundidade da figura de Ana Maria. (MONTEIRO, 1964, p. 215)

Esta citação expressa bem o estranhamento da dualidade da objetividade versus subjetividade imposta no romance. Todavia, é possível discordar de tal posicionamento, em razão de não haver empecilho para o autor lapidar sua obra de dois modos distintos. Além disto, é justificável pensarmos que o tom da objetividade e de uma certa superficialidade em relação aos personagens relacionados à política seja o símbolo da política em si. Em contrapartida, a Ana Maria é dada uma apresentação mais profunda de sua alma porque ela se opõe à superficialidade da vida política.

Em vista disso, o teor tão exposto e verossímil da política também dá a possibilidade de ser lido como uma dura crítica a esse mundo. O autor, por sua vez, demonstra muito conhecimento desse universo em seu romance, ofertando-nos uma vastidão do mesmo. Diante disso, se Naná não tivesse espaço na prosa, não haveria outro ponto de vista ou nada de suave, mas sim apenas teríamos uma representação de uma realidade dura e triste do homem, traçado na construção da politicalha. Sobre isso, diz o autor em entrevista: “Eu queria mostrar uma sociedade em seus diversos aspectos” (ANJOS *apud* FÁVERO, 1991, p. 151).

Com base na fala transcrita do escritor a respeito de *Montanha*, confirmamos a intenção de Cyro Anjos em ir muito além do universo político e contemplar outras coisas, outras pessoas. Isso faz com que seja injusto a obra ser vista como simplesmente um apanhado político com biografias. Não, *Montanha* retrata também e tão bem a realidade da nossa política brasileira, de maneira a causar a procura por referências, o que não faz com que seu valor literário possa ser diminuído. Ademais, a entrada do diário de Ana Maria fortalece ainda mais o vínculo literário. Por este motivo focaremos nessa personagem, bem como por ser a forma do diário uma confluência, um traço comum dos três romances do autor.

3.2- O diário de Ana Maria: a volta do eu em *Montanha*

O foco narrativo do romance *Montanha* no primeiro instante concentra-se em um narrador contando os fatos em terceira pessoa. Este narra a partir de sua ótica e tem a função de transmitir para o leitor a vida dos personagens e dos acontecimentos da narrativa. Esse tipo de narrador possui uma certa autoridade para contar os fatos à sua maneira e tem o poder de narrar de maneiras diferentes, exercendo sua influência direta ou mantendo um pouco de distância.

Em *Montanha* podemos perceber a existência do narrador em terceira pessoa definido pela tipologia de Friedman como autor onisciente intruso. Esse tipo de narrador tem a função de contar os acontecimentos de vários ângulos com intromissão e influência. Tal afirmação deve-se ao fato de percebermos, por exemplo, a visão do narrador sobre os personagens do livro, assim como suas impressões e caracterizações dos mesmos.

É a primeira categoria proposta por Friedman. Haveria aí uma tendência ao SUMÁRIO, embora possa também aparecer a CENA. Esse tipo de NARRADOR tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, *por trás*, adotando um PONTO DE VISTA divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse *de fora*, ou *de frente*, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada. (LEITE, 1985, p. 26-27)

O romance em destaque tem uma mescla inserida em sua narração, uma vez que assim como podemos encontrar o autor intruso com total liberdade para contar os fatos, na contramão em outros momentos nos deparamos com a inserção de diálogos e pensamentos dos personagens. Esse tipo de autor é caracterizado por respeitar determinada distância no seu posicionamento e é denominado narrador onisciente neutro na tipologia do foco narrativo de Friedman. “A segunda categoria de Friedman, o narrador onisciente, ou narrador onisciente neutro, fala em 3.ª pessoa. Também tende ao

SUMÁRIO embora aí seja bastante frequente o uso da CENA para os momentos de diálogo e ação” (LEITE, 1985, p. 32).

Esses dois tipos de narradores podem ser encontrados em *Montanha*, como também há a confirmação de uma prosa eclética em seu foco narrativo com a entrada da narração em primeira pessoa com o diário de Ana Maria. Como já fora mencionado anteriormente, o romance *Montanha* apresenta-se inicialmente em terceira pessoa. Todavia há uma mudança no foco narrativo na prosa com a entrada da personagem Naná, quando esta ganha um espaço grande no romance, e é através de um diário típico que o lírico apresenta-se também em *Montanha*.

Esse retorno do lirismo característico de Cyro dos Anjos é imposto com a aparição de Ana Maria, única personagem a quem o autor desnuda a alma dentro da narrativa. Por assim dizer, aos outros personagens não foi concedida uma exposição do eu, já que a narração em terceira pessoa neste romance, limitou uma visão mais objetiva e geral dos mesmos, impedindo de conhecermos os outros participantes com intensidade. Em contrapartida, a apresentação de uma participante em primeira pessoa permite uma visão subjetiva e uma visão do interior da personagem, permitindo que o leitor conheça profundamente Ana Maria.

(...). Assim, ao passo que o narrador em 3ª pessoa distancia o leitor dos personagens (seja pela objetividade, seja pela crueza da verdade que revela a respeito deles), o diário de Ana Maria, delineando uma narração dentro de outra, com sua linguagem pungente, demonstra o vigor que o autor implícito lhe confere. Além disso, permite ao leitor uma certa identificação com ela, compensando as incursões pelas vilezas dos demais. É como se o autor implícito, após apresentar a sordidez humana, se redimisse pela apresentação do diário de Ana Maria, que revela o lirismo da eterna busca do ser humano de algo que transcenda o meramente material. (MILANESI, 1997, p. 42)

Pelo exposto, notamos que o lirismo colocado pelo autor no diário de Naná lhe confere um aprofundamento da caracterização dessa moça. Isto faz com que o leitor tenha a oportunidade de conhecê-la melhor e gostar mais dela do que dos outros personagens. A justificativa plausível para esta afirmação seria consequência da apresentação dos outros personagens acontecer de modo mais objetivo, pela narração em terceira pessoa, e ao colocar-se em destaque o pior do lado humano, não havendo oportunidade de contemplar o outro lado dos mesmos, pois só os conhecemos exteriormente e somente o que o narrador nos permite saber.

Entretanto, a Ana Maria nos é dada a explanação de todo seu ser, permitindo até mesmo que vejamos seus erros. Mas, como a conhecemos profundamente, compreendemos seus equívocos, e estes até nos parecem passíveis de justificativa. Essa compreensão e identificação mais intensa com esta participante da obra tem respaldo pela forma de narração a que ela é submetida, pois a narrativa em primeira pessoa por si só já consegue conferir maior exposição do personagem. Isto posto no formato de diário consegue explicar ainda mais intimidade, trazendo assim um lirismo sem medidas. Confirmemos no trecho do diário de Naná:

Fevereiro,7- Ontem, de novo Pedro demorou em mim os olhos como a querer enlaçar-me. Senti o coração bater com força... Se Cláudia notasse? Estávamos à mesa, jantando. Mas ao mesmo tempo desejei que tivesse percebido. Assim, pelo menos, ela não continuaria a me ignorar. Eu juraria que gosto dele desde o baile da passagem do ano, quando pela primeira vez dançamos um com outro. Mas... pode alguém saber em que momento isso começa? Quando o amor se revela já existe por inteiro. Como desabrochara pela manhã uma flor que à véspera, ainda em botão, passara despercebida. Tanto tempo vivem essas coisas subterraneamente... Aqueles sentimentos confusos que antes me perturbavam já não seriam amor? Sem dúvida eram. Agora, sei por que todas as tardes espero, com ânsia, a sua volta. Não busco apenas apoio contra o olhar frio e desdenhoso da madame. (ANJOS, 2013, p. 108)

Este trecho do diário de Ana Maria narra a respeito do início do seu relacionamento com um homem casado, o político Pedro Gabriel. Esse relacionamento dera início, quando Ana fora morar como agregada na casa de Pedro e de sua esposa Cláudia, o que se contado de forma objetiva daria espaço apenas para críticas; contudo essa relação vem narrada pelo gênero diarístico, de modo poético e com a intensidade da explanação do eu, fazendo com que o leitor enxergue as coisas de outro modo, pois, se de um lado Ana comete um erro ao se envolver com homem casado, do outro isso é justificado pelo amor que ela sente pelo político; e só podemos, enquanto leitores, perceber a veracidade desse sentimento pela presença do lirismo próprio dessa personagem.

A partir disso, podemos entender que, enquanto a vilania dos outros é declarada objetivamente com narração em terceira pessoa, cruamente, sem espaços para justificativas e explicações, à Ana Maria é dado um tratamento diferenciado, no qual é possível entendermos até mesmo os erros pela exposição dos seus sentimentos e por ser dada a oportunidade de conhecimento do seu eu em todos os aspectos. Por assim dizer, a introdução da narração em primeira pessoa é quem traz essa possibilidade de

apresentação da interioridade da personagem, exalando seu lirismo no romance em destaque.

E esse lirismo possibilitador de enxergarmos Ana Maria completamente é ainda mais intenso, porque está escrito no formato diarístico. Tal fato acontece, pois, este gênero é a própria essência da intimidade e permite a exibição do ser humano em todas as suas facetas pela permissão de poder reunir fatos exteriores e interiores. “O diário é simplesmente humano. Tem suas forças e suas fraquezas. E as formas que assume, as funções que preenche são tão variadas que é bem difícil tratá-lo como um todo” (LEJEUNE, 2008, p. 267).

Diante da citação acima, ratifica-se o diário como um gênero humano por esse motivo, a modificação do foco narrativo de *Montanha* ganha uma maior humanidade com a entrada do diário de Ana Maria. Se aos outros personagens faltou a essência humana em outros aspectos, por não conhecermos suas almas, a essa personagem é atribuída toda carga lírica do romance, fato que só é possível pela variação que um diário pode abarcar. Assim, é através desse gênero que o autor vai nos colocar a par da história do romance entre Pedro Gabriel e Ana Maria, vai revelar outro lado do ser humano ao mostrar sua alma, vai trazer um tom mais poético da vida.

Em vista disso, confirma-se que ao utilizar esse gênero Cyro dos Anjos garante a possibilidade de mostrar a vida de ângulos distintos. Talvez se não houvesse a inserção do diário de Naná em *Montanha*, teríamos somente algo de objetivo e externo; não haveria entrada para demonstrações sentimentais, e tudo ficaria no vazio da sordidez do homem. Ao fazer essa afirmação, constata-se que a introdução de um diário, no meio de *Montanha*, devolveu o lirismo perdido, ou seja, a voz do individual que não aparece nos outros personagens.

(...) Vale lembrar que o personagem em que o autor implícito mais se aprofunda para expor a complexidade psicológica se apresenta principalmente através de um diário. Esse diário, sob o prisma do foco narrativo, aproxima *Montanha* dos outros dois romances e, como vimos, vários críticos vêm nele um dos méritos da obra, pois, segundo eles, é nesse tipo de discurso que o seu autor revelaria toda potencialidade de bom escritor. O tipo de focalização dos outros personagens faz com que fiquem parecendo caricaturas, justamente pela falta de profundidade psicológica e pelo exagero de alguns traços. Isso parece ser uma técnica do autor implícito para ressaltar apenas o que quer. (MILANESI, 1997, p. 48)

De acordo com a citação acima, é evidente que a mudança de foco narrativo para o gênero de diário traz um grande aparato psicológico, o que certamente faltou no outro

foco narrativo, utilizado na prosa. Essa mudança faz com que Cyro dos Anjos volte para seu estilo principal de escrita, a linha lírica, fazendo-nos perceber essa mudança de modos variados. Tanto é que o diário vem escrito em itálico, de modo destacado, e é somente nesse momento que o eu se apresenta no romance em pauta, com uma dose de sentimentalismo escasso no outro tipo de focalização.

Por essas palavras, o lírico característico de Cyro dos Anjos volta em *Montanha* através do diário do Ana Maria. Essa personagem chega ao romance de modo diferente, causando estranhamento e contradição para uns, e funciona como a salvação do romance para outros. Por esse motivo, percebemos o quanto o modo da narração influencia no resultado do romance, assim como o diário é a base do escritor mineiro para explanação mais profunda de um ser. E é esse gênero que faz com que Ana Maria muitas vezes assuma o papel de protagonista da história em detrimento do protagonista Pedro Gabriel.

Essa alternância ocorre justamente pela falta de profundidade na apresentação desse político, embora no princípio percebamos o enredo sempre voltado para ele. Até mesmo quando fala pela primeira vez em Naná, ele ainda continua no centro. Mas a entrada do diário de Ana Maria, contando sobre seu relacionamento com Pedro Gabriel, sobre a sua história, seus sentimentos, por vezes a coloca como a heroína do romance. Além do mais, ela é a contraposição à sujeira da política, enquanto Pedro Gabriel está no centro dela. Conhecermos a alma de Ana Maria; e de Pedro Gabriel temos uma visão do político espertalhão, sem enxergarmos seu outro lado.

Diante disso, pode-se notar que a inserção do diário em um texto em terceira pessoa foi utilizado pelo escritor mineiro para conceder um tom a mais de vida em seu romance. Pois, reiterando o que já se disse a respeito desse discurso, as possibilidades de utilização do diário é extensa e confere certa autenticidade para a narrativa. Ademais, pela sua irregularidade/versatilidade, dá permissão ao autor que o utiliza uma liberdade dificilmente encontrada em outros tipos de gêneros para mostrar uma gama de elementos juntos, tais como cotidiano, interior, exterior.

Quando um autor escolhe este gênero para produzir uma obra literária, está consciente de todas as leis e regras que a regem. Sabe perfeitamente o que pode e tem de fazer para tornar autêntica a sua produção indiscutivelmente literária. E vai jogar com todos os ingredientes necessários enumerados ao início: a subdivisão em dias, a repetitividade, a irregularidade, a construção fragmentada, o fim em aberto (quanto ao aspecto formal) e a insistência no papel do eu preferivelmente à procura de si mesmo bem como o considerar aspectos da vida íntima (quanto ao conteúdo). (NEUMANN, 2002, p. 144)

Sendo assim, quando Cyro dos Anjos opta por utilizar o diário, exclusivamente para centrar-se na personagem de Ana Maria, ele o utiliza com consciência da abertura para variação desse gênero. Se com os outros personagens narrados na ótica da terceira pessoa há uma limitação que nos impede de saber mais sobre eles, com a mudança da narração o autor sabe que tem mais liberdade para dar vida a Naná, e por conta disso ela sempre aparece em destaque.

Assim, dentro do diário o escritor nos conta como uma estória dentro da estória sobre a vida da participante, colocando lado a lado a superficial vida política e a vida dessa moça em todos os ângulos, permitindo ao leitor outro tipo de emoção, de visão, de reação, e isso somente é possibilitado pela fragmentação, característica do tipo de escrita diarística. Ao fazer tal afirmação, verificamos a técnica utilizada por Cyro dos Anjos para trazer a *Montanha* mais vivacidade, como se ele sentisse a falta de algo de cunho mais íntimo dentro de toda objetividade do início da obra e adentrasse na sua zona de conforto: a linha lírica.

Pode-se constatar a inclinação de Ana Maria para ser a heroína, a partir da afirmação do autor em entrevista sobre o romance estudado. Assim ele diz “(...) Se eu hoje fosse reescrevê-lo, eu o faria em torno de Ana Maria e não de Pedro Gabriel, que é o personagem principal” (ANJOS *apud* FÁVERO, 1991, p. 150). Por afirmar isso, notamos que, assim como muitos leitores tenderam a preferir Naná, o autor também apresenta essa tendência, pois isso ocorre pelo tratamento que essa moça recebe, ou melhor, pela forma como sua estória é contada, muito mais voltada para a idealização própria da literatura, mais subjetiva, com muito mais alma. Desse modo, buscaremos fazer uma análise do diário de Ana Maria, com a finalidade de comprovarmos o retorno do lírico em *Montanha* através do projeto diarístico.

3.3- Uma análise do diário de Ana Maria

Cyro dos Anjos utiliza um diário dentro de um romance narrado em sua maior parte em terceira pessoa. Tal presença do diário resulta no aparecimento de uma carga lírica na obra, visto que esse gênero é caracterizado pela expressão do eu em diversos

aspectos. Devido às várias possibilidades que esse tipo de discurso proporciona, sua entrada em *Montanha* foi um subsídio utilizado para dar destaque à estória de Ana Maria.

Dentre as muitas características próprias de um diário, a primeira seria o uso deste gênero para o autor contar a respeito do romance entre a jovem e Pedro Gabriel, com toda emoção e lirismo que uma estória de um romance de amor pode despertar. Na verdade, no diário haverá um detalhamento maior desse envolvimento amoroso, pois o autor, antes de empregá-lo na composição do texto, já colocara o leitor a par da situação do casal. Vejamos um pequeno trecho ilustrando esse enlace de amor proibido.

Fevereiro, 15- (...) Receando que ele me supusesse embasbacada com a sua agudeza ou fascinada pela auréola que lhe cerca a figura, tentei várias vezes retirar-me. Mas, fazia o gesto de sair e, a um vago aceno dele, acabava ficando. Queria deixá-lo e não podia, como se eflúvios me paralisassem a vontade.

Quanta afinidade entre nós! Eis o que me parece um homem verdadeiramente fáustico. Eu seria a companheira de que esse aventureiro, esse condottiere precisa. E que tremenda inteligência.... Sinto que seus pensamentos desalojam os meus e lhes ocupam o lugar. (ANJOS, 2013, p. 109)

O trecho relata o início do envolvimento de Naná com Pedro Gabriel, de forma poética e doce, exalando a paixão secreta. Com isso, além de os escritos íntimos da heroína funcionarem para narrar o caso dos personagens, também se mostram como uma espécie de confidente do mesmo, ou seja, o guardião desse segredo. Notemos que o modo como Ana Maria fala desse relacionamento o torna suave, pois expressa realmente os sentimentos dela por Pedro Gabriel. Os escritos da personagem também servem para mesma demonstrar que ela está entre a razão e a emoção.

Fevereiro, 20- Cuidado, Ana Maria! Há de extrair tudo de ti, sem te dar coisa alguma. Lembra-te do caso da Jeni com aquele homem casado? Serias idiota de veras, se te prestasses a servir como passatempo desse cavalheiro. Tens uma vida a realizar. Que te divirtas com ele, nada a opor. Mas, divertir-se ele à tua custa, isso nunca! Tu jamais deverás ser de alguém. Eis um ponto importante a firmar desde já. (ANJOS, 2013, p. 110)

Nesse momento, a utilização do diário ocorre para Ana Maria fazer um alerta a si mesma. Sabendo da possibilidade das consequências drásticas que esse romance poderia trazer-lhe, ela utiliza a escrita para pensar sobre isso em uma conversa consigo mesma, de que somente o diário pode ser a testemunha. Assim, esse tipo discursivo também serve como um aparato para pensar as escolhas e refletir sobre elas “(...) Refugiamo-nos nele, tranquilamente, para ‘desenvolver’ a imagem do que acabamos de

viver e meditar. E para examinar as escolhas que devemos fazer” (LEJEUNE, 2008, p. 276).

Outra função atribuída a esse gênero, e também presente no diário de *Montanha*, seria o desabafo; a personagem utiliza seu diário para expressar sentimentos estritamente íntimos e confidenciais e a respeito dos quais não se tem coragem de falar a outra pessoa sem travas, pela personalidade e intimidade que comportam. Vejamos essa afirmação no trecho abaixo:

Março, 7- Sensação de déficit. Vontade de chorar. Onde aquela euforia, aquele sentimento de vida plena, que experimentava domingo no Golfe Clube? A que coisinha insignificante me vejo agora reduzida! Um trapinho que todo mundo pode pisar... (ANJOS, 2013, p. 112)

O segmento toca na própria essência do eu, e assim Ana Maria desabafa para seu diário sobre aquilo que se passa dentro do seu interior. Em tal dia, a moça escreve apenas esse trecho como se tivesse a necessidade de desafogar seus sentimentos e o faz através dos seus escritos intimista, confirmando que o gênero estudado é um aparato para desabafo do narrador. Contrapondo-se às questões intensas da alma, o caderno pessoal tem a função de relatar fatos cotidianos e externos.

Março, 10- Reabriu-se hoje a faculdade. Discurso cacetíssimo do reitor, em estilo acadêmico. À saída vários colegas me cercaram, acompanhando-me a pé ao longo da rua das Acácias. Fiquei conhecendo um rapaz do terceiro ano, Everardo. Pretensioso, talvez, mas simpático. Em casa, Pedro chamou-me ao escritório, a pretexto de mostrar gravuras holandesas. Riu-se muito quando o imitei a fala do reitor. (ANJOS, 2013, p. 113)

Na passagem acima, além de conhecermos Everardo, um rapaz que se apaixona por Naná, também ficamos sabendo do cotidiano da personagem, no caso, o início das aulas da faculdade, ressaltando um dos princípios mais importantes de um diário típico: a narração do dia a dia. De acordo com Lejeune (2008), a escrita diarística é uma série do cotidiano no primeiro momento. Assim, ao escrever esses acontecimentos da sua rotina, a narradora apropria-se desse princípio inerente ao diário.

Outro aspecto característico do gênero, e também presente no diário de *Montanha*, seria a permissão para comportar irregularidades, uma vez que, como já fora escrito nesta dissertação, há uma abertura muito grande para fragmentação dentro dessa tipologia da narração. Assim, notamos essa característica presente na obra ao

percebemos que primeiramente Ana Maria narra sobre seu romance com Pedro Gabriel, antes mesmo de nos contar quando foi morar na casa do político. Vejamos isso em:

Março, 20, à noite – (...) Isso me irritou. Já lhe havia dito uma porção de vezes que, se reprovava meus planos de estudar Direito, eu poderia seguir um dos cursos da Faculdade de Filosofia e habilitar-me para professora de ensino secundário. Não havia percebido, porém, até onde papai queria chegar. Logo em seguida, outras palavras vieram:
-Além do mais, não teria onde ficar em Cristália...

Era um rodeio manhoso – vejo agora – para arrancar a Pedro o oferecimento que prontamente foi feito, talvez em virtude de uma dessas excitações momentâneas que arrastam os homens a gestos de grande liberalidade:
-Não seja esta a dificuldade, Tertuliano. Mande-a para minha casa, que é sua, com sabe. Mande-a mesmo. Ora esta! Cláudia gostará muito. Uma priminha tão simpática... Ela sente falta de companhia, pois fica sozinha quando viajo. E estou sempre a viajar... (ANJOS, 2013, p. 116-117)

Notemos que o trecho corresponde aos escritos do dia 20 de março; nele é narrado sobre o momento em que foi feito o convite para Ana Maria se instalar na casa de Pedro Gabriel para estudar Direito, enquanto que, em 07 de fevereiro, ela conta sobre o início do seu envolvimento com o político. Dessa maneira, percebemos a não existência de uma sequenciação lógica para a narração dos assuntos. Este fator somente é permitido pela própria fragmentação inerente a essa tipologia: “(...) Não será demais repeti-lo: narração irregular, constituída por fragmentos autônomos, o diário é um livro já feito e ainda por fazer” (MATHIAS, 1997, p. 47).

A despeito da irregularidade que o diário engloba, podemos citar também as variadas tipologias de linguagens que se pode encontrar no diário de Naná. Temos contido no mesmo, por exemplo, o discurso dialógico, como podemos comprovar na última citação apresentada, e até mesmo o discurso poético. Esse tipo de discurso atribuído aos poetas também ganha um espaço nesse diário em alguns momentos, através da subjetividade e lirismo exibido pela personagem. Verifiquemos traços de linguagem poética no trecho extraído abaixo:

Março, 26- De vez em quando, essa ideia de me tornar irmã de caridade, se saísse daqui com saúde... Pura fantasia, está claro. Nem me animaria efetivamente a isto, nem haveriam de querer uma antiga TP em ofício tão duro. Surgiria também o problema da religião. Seria, entretanto, um meio de dar sentido à minha vida ou de me esconder de mim mesma
Ocupando-me em tarefas pesadas e exaustivas expulsaria esta angústia, esta nostalgia infinita, que me salteia às vezes diante dum crepúsculo, duma árvore, duma bela manhã, quando não mora comigo dias e dias... Nostalgia, quem sabe, do eterno? (ANJOS, 2013, p. 345)

Temos aí a presença de discurso poético principalmente no último parágrafo, quando a personagem utiliza a própria palavra para reconstruir uma realidade, optando por formas não habituais de expressão como a conotação. De igual modo podemos perceber também o uso da subjetividade, aproveitando os sentimentos para exposição do lirismo de forma doce. Esse tipo de linguagem, utilizado pelo narrador para mostrar a profundidade da alma de Ana Maria, não raro pode ser encontrado em vários trechos do romance, comprovando assim tal afirmação, a exemplo da citação acima.

Não obstante, também percebemos a utilização de linguagem para tratar de assuntos mais objetivos no diário da personagem. Um exemplo disso é nos deparamos com a narração sobre as negociatas políticas, também dentro desse tipo discursivo. Sabemos que Ana Maria contrapõe-se à política. Assim, o autor aproveita-se da característica irregular desses escritos e encontra um modo de abordar esse tema também no diário inserto dentro da obra, ainda que a motivação seja para fazer uma crítica.

Outubro, 25- (...) Quem sabe nem chegaram a brigar e a viagem a Poços fez parte do plano urdido, a fim de papai não estranhar que eu tenha deixado a companhia deles? Com isto se ganharia tempo até arranjar explicação definitiva. Ainda apurei como as coisas foram relatadas ao velho. Principalmente a história desse emprego a que não tenho que comparecer senão no fim do mês, para receber o ordenado. Pensam que consentirei passivamente... Não me farão aceitar sinecuras. O emprego me convém, pois dá independência, mas quero trabalhar, não sou parasita. (ANJOS, 2013, p. 126)

Nesta passagem, temos a nossa heroína contando a respeito do momento em que saiu da casa de Pedro Gabriel. A partir desse assunto, ela também aborda sobre as sinecuras, que são os empregos públicos sem trabalho e/ou sem responsabilidades, oferecidos pelos governantes em troca de favores políticos. Diante disso, podemos perceber a utilização desse instrumento para tratar e informar acerca dos empregos fantasmas e de maneira sutil embutir uma crítica a tal acontecimento de modo mais objetivo.

Desse modo, a narradora mostra sua oposição a esse fato, evidenciando seu antagonismo a certas práticas políticas e demonstrando que, mesmo o diário sendo um indicativo da subjetividade, a objetividade também poderá aparecer dentro da intimidade da vida do narrador. “Diverso é o diário íntimo onde a introversão constitui o

elemento preponderante. Isto não significa, obviamente, que não haja nele menção de factos ou eventos exteriores, mas sim, que estes apenas existem em função da subjetividade do autor” (MATHIAS, 1997, p. 47). Tal afirmação permite ratificar que dentro de um diário íntimo há possibilidade de tal convivência.

Porém, é imprescindível fixar a aparição desse tema na escrita de Ana Maria sempre com uma dose de crítica ao assunto. Tal oposição a esse meio é a prova de que há traços de heroísmo na sua figura, uma vez que, a partir de suas confissões íntimas, percebemos a sua repulsa ao mundo político. Visto que esse mundo é descrito exatamente como ele é na realidade, carregado de vilania, a essa personagem é dada a contraposição, embora seja importante ressaltar que Naná não se apresenta como heroína convencional, mas sim de modo humano, com erros e acertos ressaltados, até porque através da exposição da sua intimidade na sua escrita é permitido conhecê-la profundamente.

Dentro desse contexto, vamos nos deparar no texto de Ana Maria com pensamentos ruins e atitudes condenáveis, ao lado das suas características admiráveis. Isso ocorre sempre com suporte de seu desnudamento ao contar a sua estória. Sabemos que o diário dessa heroína atípica é baseado na narração do seu romance com um homem comprometido com esposa; e, apesar de sua caracterização ser de uma mulher de personalidade forte, antagonista do “mal”, contemplamos suas fraquezas e equívocos explanados nas suas confissões.

Janeiro, 7- Acabei cedendo outra vez. Quem, no meu tédio, pode resistir a homem tão obstinado?
Ainda teve o descaramento de repetir que vai deixar Cláudia e levar-me para Europa. Respondi: “Não faça isto, que estraga a sua carreira!”
Por que compareci a esse encontro? Falta de caráter? Cansaço? Hábito? Indiferença? Inércia? Até agora estou espantada. Ou ainda gostaria dele, um pouco? (ANJOS, 2013, p. 129)

Este fragmento é um relato de uma das recaídas de Ana Maria com Pedro Gabriel, quando o romance já havia declinado. Notemos que na citação há uma exposição da fraqueza da personagem, já que ela tem conhecimento da impossibilidade de realização desse enlace amoroso e mesmo assim cede às investidas do político. Percebe-se também que ela não se isenta do equívoco e questiona até mesmo sua falta de caráter, expondo seus erros em uma quantidade abundante de subjetividade. “Ler um diário é olhar pelo buraco da fechadura, é testemunhar a dor e o prazer que fazem da

existência humana uma contradição ambulante, ‘um caniço pensante’ encharcado de equívocos” (BARCELLOS, 2004, p. 106).

A leitura do diário de Ana Maria traz para nós, enquanto leitores, a possibilidade de conhecermos todo seu lado humano; essa é uma das facetas características desse gênero que permite intimidade sem limites. Outro ponto peculiar da escrita diarística em *Montanha* é a perspectiva de deixar rastro, ou seja, a expectativa da intimidade do narrador vir a lume, pois, apesar desse tipo discursivo não se pretender público, existe sempre essa probabilidade, por assim dizer.

Maio, 5- Quatro meses sem escrever, para não deixar nesse caderno o testemunho da minha degradação. Depois que ele friamente me atirou a um canto, como um traste imprestável que não se transporta na mudança... (ANJOS, 2013, p. 129)

A citação expressa nos permite observar o receio de Ana Maria em deixar registrada sua desgraça, por isso ela se abstém de escrever por um tempo. Com isso, percebemos que o narrador de um diário tem pleno conhecimento da possibilidade de sua escrita ser lida, embora não se considere um escritor. “O diarista não tem a vaidade de se acreditar escritor, mas encontra em seus escritos a doçura de existir nas palavras e a esperança de deixar um vestígio” (LEJEUNE, 2008, p. 265).

Ainda na mesma perspectiva da escrita diarística, podemos também verificar a referência do gênero a si próprio. Tal fato é atribuído à liberdade e à fragmentação permitidas dentro dessa tipologia narrativa, visto que ao diarista é dada uma liberalidade tamanha que não deixa espaço para preocupações com erros ou conceitos; ele pode abranger tudo o que quiser dentro desse caderno. Nesse sentido, no diário de Naná é encontrada, além das variadas características desse gênero, a referência a ele mesmo. Vejamos um excerto do livro que comprova essa afirmação.

Setembro, 28- Falava com tanta aflição, que tive remorsos de lhe ter levado esse problema. Ou não tive coisa alguma, e estou aqui para pintar sentimentos convencionais?... É o perigo dos “Diários”! Não, minha velha Mére Rose, não me tires os meus demônios! Quere-os íncubos súcubos, divirto-me com ele a valer. E em matéria de tentar, não cedo a iniciativa de ninguém. (ANJOS, 2013, p. 124)

Outro ponto passível de se colocar em relevo seria o fato de a escrita da intimidade poder analisar os acontecimentos. Como esses escritos caracterizam-se pela franqueza e interioridade, os fatos ocorridos são sempre refletidos com uma grande

soma de sinceridade, como também contados com veracidade, permitindo que enxerguemos o pensamento mais intrínseco sobre os fatos sucedidos na vida do narrador. Com efeito, todo o ocorrido será descrito no diário com toda personalidade e opinião franca de quem o narra, assim:

Março, 25 – Fantástico! Eu não podia nem de longe sonhar com uma coisa dessas: Cláudia apareceu aqui hoje! Fiquei tão desorientada, que desandei a lhe dizer gentilezas... Depois que saiu e pude analisar o acontecimento, pus-me a pensar que ela desejava apenas dar-se o prazer de me ver doente, sofrendo, chumbada a uma cama... Ou talvez exibir sua importância de ministra.

Nenhuma referência ao passado ou a Pedro. Demorou-se pouco, ficou de voltar. E deixou-me uma caixa de bombons.

Agora, ao escrever, estou achando que fui perversa em atribuir intenções malévolas à visita. Há de ter sido mesmo um gesto de generosidade. A vida copia os romances de coleção rosa.... Nem sequer faltou ao meu pequeno drama essa cena de comisseração! (ANJOS, 2013, p. 345)

O fragmento acima, retirado do caderno íntimo de Ana Maria, refere o momento em que a personagem está internada com tuberculose e recebe a visita de Cláudia, esposa de Pedro Gabriel. Ao relatar este episódio, Naná também fala das suas impressões de maneira sincera, atribuindo à visita uma intenção ruim de sua parte, algo que seria o mais lógico. Mas depois, analisando melhor o ato, ela consegue perceber de outro modo, tentando enxergar que talvez Cláudia tenha sido generosa com seu gesto. Tudo isso é colocado no texto de modo verdadeiro, dando ao leitor a oportunidade de saber o ocorrido, como também o pensamento do narrador sobre ele.

A finalização do diário de Ana Maria, assim como a maioria dos escritos dessa tipologia, também deixa a sensação de continuidade. Sabe-se que geralmente o diário é escrito em um dado momento da vida, marcando uma fase e deixando em aberto as possibilidades para a escrita de um novo momento: “O diário é virtualmente interminável desde o início, uma vez que sempre haverá um tempo vivido posterior à escrita, tornando necessária uma nova escrita, e que um dia esse tempo posterior assumirá a forma de morte” (LEJEUNE, 2008, p. 273). Sendo assim, para encerrar a análise do diário da heroína de *Montanha*, vejamos como ocorre o término dessa caderneta íntima.

Abril, 21 – Tudo ocorreu bem, dizem. Continuarei a mesma, depois de me haverem levado um pedaço do pulmão? Ai, vida! Contudo sinto-me indenizada em pensar que há momentos de felicidade inaudita numa imolada manhã de Araruama ou em cálidas noites de Catas Altas do Sincorá, como céu cheio de estrelas.

Coitado de Everardo. Zulmira me contou que ele estava branco feito um defunto, à porta da sala de operação, esperando notícias. Chegou de surpresa, não sabia de nada. Um problema, Everardo! (ANJOS, 2013, p. 347)

O fim do diário de *Montanha* ocorre com a anotação do fim da operação de Ana Maria e com a constatação de que tudo saiu bem. É imprescindível destacar que Cyro dos Anjos finaliza o romance com o diário dessa personagem, depois de narrar o fim dos outros personagens políticos, salientando com isso a importância do mesmo dentro da narrativa. Notemos, além disso, que, depois de contar o resultado positivo do procedimento cirúrgico e das reações do momento do mesmo, Ana Maria fala sobre Everardo, o rapaz que é apaixonado por ela. E na última frase deixa a entender que ainda não sabe o que fará a respeito desse rapaz, indicando assim a existência de continuação da sua estória.

Essa análise a respeito de alguns trechos do diário de Ana Maria nos permite observar que Cyro dos Anjos incluiu um diário típico em um romance narrado predominantemente em terceira pessoa a fim de conceder a aparição do lirismo. A partir dos excertos apresentados, podemos comprovar a fragmentação da escrita diarística e notar que o autor a utilizou com maestria, trazendo principalmente vida à obra em todos os aspectos. Assim, se na narração em terceira pessoa de *Montanha* faltou a pessoalidade, o diário de Ana Maria nos presenteou com uma boa dose de lirismo, que, somado a outros fatores, trouxe maior realidade e humanidade a *Montanha*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação foram apresentados os três romances do autor Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, *Abdias e Montanha*, e a respeito de cada um deles foi feito um breve apanhado geral a fim de situar seus enredos e seus aspectos mais importantes. A ênfase da pesquisa pautou-se na utilização do gênero diarístico, visto que esse tipo de escrita compareceu em todos os romances ficcionais do literato mineiro de forma mais ou menos intensa. É possível observar, diante do que fora escrito, que os dois primeiros romances em relevo são voltados para interioridade e que o último a princípio tem caráter mais objetivo, a não ser em um quesito: no diário de uma personagem inserido dentro do romance.

Tal afirmação nos permite observar que Cyro dos Anjos utiliza este tipo de escrita, principalmente para aparição da expressão lírica dos personagens. Uma vez que, se assim não fosse, ele não descarregaria a subjetividade no diário de Ana Maria em contraposição ao caráter objetivo de *Montanha*. Com as leituras dos três romances, é possível observar que o escritor tem uma tendência gritante para o lírico; mas é no terceiro romance que o autor mineiro ratifica essa inclinação pelo subjetivo. Esta afirmação é confirmada por percebemos na leitura de *Montanha* a entrada de um diário para causar justamente um efeito lírico que faltaria nessa prosa.

O amanuense Belmiro já apresenta sua formatação pautada no gênero diário e é considerado um romance intimista, dado que é completamente voltado para a vida do seu narrador-protagonista. O curioso é notarmos a fragmentação em todo o romance, em razão de primeiro haver nele a inserção das memórias de Belmiro dentro do seu diário, que, como próprio nome já sugere, inclina-se para o presente, causando inicialmente dúvida quanto a sua formatação. Depois a própria personalidade do protagonista é totalmente fracionada, assim como o estilo diarístico é conceituado na fragmentação. Dessa maneira, o uso desse tipo de escrita parece se encaixar perfeitamente na composição de um romance como esse, não só pelos os aspectos citados, mas principalmente pela carga lírica imposta nessa tipologia narrativa, porquanto o diário propõe confissões íntimas e sinceras.

No segundo romance, *Abdias*, apresenta-se a mesma proposta vista no primeiro, composto também pelo gênero diarístico, possuindo muitas semelhanças com ele, sobretudo em um quesito: na manifestação do lirismo tão igual ou ainda mais profundo. Observemos que na composição de *Abdias*, o escritor de Montes Claros o torna ainda mais humano, e que a narração do cotidiano através da caderneta íntima do narrador-personagem deixa expressa essa humanidade, expondo os defeitos, erros, acertos, tudo isso de modo bastante subjetivo. E mais uma vez o diário é o instrumento utilizado pelo autor para mostrar por completo o protagonista da prosa.

A princípio, o terceiro e último romance ficcional de Cyro dos Anjos apresenta outra perspectiva, a demonstração da vida política de forma mais realista, já que a maioria dos personagens são apresentados no início sob o prisma de uma crítica à política. Até que o autor, talvez entendendo a falta do lírico na narrativa, encontra uma personagem oponente à política e acrescenta no romance o seu diário. Então, a partir de tal diário de Ana Maria, o romance ganha lirismo, ganha mais vida, porquanto é nessa mulher que a manifestação mais ostensiva do eu aparece na obra.

A partir dessa afirmação, pode-se notar que, quanto a todas as concepções de diário descritas nesta pesquisa, a principal convergência entre os três romances é justamente a libertação do lirismo que este tipo de gênero propõe, uma vez que, sendo o diário um dos gêneros mais versáteis, pela permissão de muitos elementos dentro dele, tais como narração cotidiana, traços de outros tipos de escritos e ideias descontínuadas, a principal característica de um diarista é a sua introspecção revelada em um caderno íntimo. Pois a narração de um momento da vida exige de quem o escreve, além de contar os fatos de modo autêntico, a sua visão sobre os acontecimentos repleta de pessoalidade, bem como a expressão dos sentimentos sobre os mesmos. Dessa maneira, o eu aparece em toda a narração de um diário revelando a alma do seu escritor.

Portanto, a escrita assim concebida para a composição de uma obra ficcional tende a ser utilizada pela promessa de encontrar o mais sincero relato dos sentimentos de uma dada subjetividade. Sendo assim, o diário torna-se uma ponte para trazer a mais profunda pessoalidade dos personagens para a narrativa, pela sua particularidade de sugerir intimidade e por esse motivo, nas leituras dos romances em relevo, sentimos a essência do ser dos personagens.

Vimos que no primeiro romance Belmiro Borba descreve seu cotidiano e suas lembranças no caderno de intimidade, o que nos traz uma leitura doce, emocionante e nos permite mergulhar em um ambiente completamente pessoal. Por intermédio dos relatos de suas memórias, da descrição de sua família, de seus amores idealizados, e da vida dos seus amigos, é permitido que o leitor entre na particularidade do Borba, uma vez que tudo está registrado no seu diário, com a sua opinião tanto sobre os outros, como a respeito de si mesmo, denotando sempre a expressão do eu lírico.

Assim também ocorre na narração do diário de Abdias, o qual, ao narrar o seu cotidiano como professor e pai de família, vai proporcionar uma atmosfera completamente lírica para o leitor. Esse fato ocorre porque o uso da escrita íntima no romance, além de contar sobre o seu dia a dia, vai servir como refúgio para revelar os segredos peculiares de seu protagonista, vai ser o local reservado para as confissões mais íntimas de um homem que precisa esconder os seus ridículos da sociedade. Então é no seu diário que saberemos o que se passa em seus mais sombrios pensamentos, em um ato tão sincero, que afeta também o leitor.

Já a entrada do diário de Ana Maria, no terceiro e último romance, vai ser a base para conhecermos os sentimentos da personagem de modo mais profundo, sendo ela a única pessoa com a vida narrada de forma completa dentro dessa prosa. Essa afirmação baseia-se no modo de apresentação dos demais personagens, que acontece de maneira mais objetiva. Somente com a entrada do diário de Ana é que a expressão do lirismo vai se fazer presente em *Montanha*. Na narração de um período da vida de Naná, vamos acompanhar seus sentimentos, pensamentos e impressões, tudo do modo mais humano possível.

Isto posto, pode-se concluir que os diários de Belmiro, Abdias e Ana Maria surgem para propiciar um ambiente íntimo, lírico e completamente subjetivo dentro das narrativas de Cyro dos Anjos. Assim, o diário, por remeter sempre à personalidade de quem o escreve, é utilizado como técnica para tornar a ficção mais próxima do real, não somente pelo apelo à descrição da vida cotidiana, nem mesmo pela autonomia que um diarista possui, mas em especial pela força lírica natural a esse tipo de narração.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 16. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2001.
- _____. *Abdias*. 6. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- _____. *Montanha*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2013.
- _____. “Depoimento”. 10 nov. 1987. In: FÁVERO, Afonso Henrique. *A prosa lírica de Cyro dos Anjos*. 1991. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. p. 143-153. Entrevista por Afonso Henrique Fávero e José Pereira Jr.
- BARCELLOS, Sérgio da Silva. A escrita diarística como estratégia narrativa. In: Armadilhas para a narrativa. Estratégias narrativas em dois romances de Carlos Sussekind. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004
- BASTIDE, Roger. A vida secreta das imagens. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 02/12/45.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOSI, Ecléa. Memória-sonho e memória-trabalho. In: _____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Ed. da Unicamp, 2006
- CANDIDO, Antonio. Estratégia. In: _____. *Brigada ligeira*. São Paulo: Martins, 1945.
- _____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- _____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985.
- _____. À sombra do amanuense. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 1946.
- CARPEAUX, Otto Maria. Realismo e Poesia de Cyro dos Anjos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11/01/58 e *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26/01/58.
- CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. Foco narrativo e fluxo de consciência; questões de Teoria Literária. São Paulo, Pioneira, 1981.

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Abdias, Cyro dos Anjos. *O Diário*, Belo Horizonte, 16/10/45.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2003.

_____. Memória coletiva e memória histórica. In: _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Thomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro, 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. 6. ed. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo*. 10 ed. São Paulo: Ática, 1985.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2007.

MACHADO, Ana Rachel. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MÁLAQUE, Keila Mara Sant'Ana. *Lições da borboleta: a trajetória do cronista-amanuense Belmiro Borba*. São Paulo: Edusp; Unesp, 2008.

MASINA, Léa Silvio dos Santos. Abdias- o sentido existencial. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 19/06/1970.

MATA MACHADO FILHO, Aires da. Abdias. *O Diário*, Belo Horizonte, 28/10/45.

MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, [n.º 143/144](#), jan. 1997, p. 41-62.

MILANESI, Vera Márcia Paráboli. *Cyro dos Anjos: Memória e História*. São Paulo: Arte e Ciência; Editora 34, 1997.

MILLIET, Sérgio. Abdias. *Diário de Notícias*, Belo Horizonte, 28/10/45.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *O Romance (teoria e crítica)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

NEUMANN, Martin (2002). «Estratégias de um diário ficcional». In *Metamorfoses do Eu: o diário e outros gêneros autobiográficos na literatura portuguesa do século XX*. Frankfurt am Main: Verlag Teo Ferrer de Mesquita, 139-160.

NOBILE, Ana Paula Franco. *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*. São Paulo: Annablume, 2005.

PINTO, Luiz. Montanha, memórias e interpretações. *Belas Letras*, 10/03/1957

PORTELA, Eduardo. *Cyro dos Anjos e a psicologia da forma*. Diário de São Paulo, 11/05/1958

SANTIAGO, Silvano. *A vida como literatura: O Amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVEIRA, Alcântara. Um romance da vida conjugal. *Folha da Manhã*, São Paulo, 07/10/45.

VASCONCELOS, Sandra T. G. Narciso e antinarciso, um estudo comparativo entre *O amanuense Belmiro* e *A menina do sobrado*. *Revista do IEB*, São Paulo, 24, 1982.